

THESE

5034

SOBRE TRES PONTOS

PRIMEIRO — SCIENCIAS ACCESSORIAS.

Da influencia atmospherica nos phenomenos physiologicos e pathologicos :
em particular, das perturbações que esta influencia produz
durante o dia e a noite.

SEGUNDO — CIRURGIA.

Quaes são as cavidades naturaes do corpo humano em que se pôde praticar a paracen-
tesis? Quaes as ditas cavidades em que se possam fazer injeções medicamentosas
á fim de conseguir-se a cura de derramamentos?

TERCEIRO — MEDICINA.

QUAL É A CAUSA DA FEBRE AMARELLA? EM QUE CONSISTE ESTA MOLESTIA? QUAES OS MEIOS
DE EVITAR O SEU APPARECIMENTO?

APRESENTADA

A' FACULDADE DE MEDICINA DO RIO DE JANEIRO

E PERANTE ELLA SUSTENTADA NO DIA 14 DE DEZEMBRO DE 1832

POR

Guido de Sousa Carvalho,

DOCTOR EM MEDICINA PELA MESMA FACULDADE

Natural da Provincia de Minas Geraes,

FILHO LEGITIMO DO MAJOR

Luiz de Sousa Carvalho.

Lêdo, e desculpai.



RIO DE JANEIRO.

TYPOGRAPHIA BRASILIENSE DE FRANCISCO MANOEL FERREIRA
RUA DO SABÃO N.º 111.

1832.

FACULDADE DE MEDICINA DO RIO DE JANEIRO.

DIRECTOR

O EXM. SR. CONSELHEIRO DR. JOSÉ MARTINS DA CRUZ JOBIM.

LENTES PROPRIETARIOS.

Os ILLMS. SRS. DRS.

I.—ANNO.

F. de P. Candido	Physica Medica.
F. F. Allemão	{ Botanica Medica, e principios elementares de Zoologia.

II.—ANNO.

J. V. Torres Homem	{ Chimica Medica, e principios elementares de Mineralogia.
J. M. Nunes Garcia	Anatomia geral e descriptiva.

III.—ANNO.

J. M. Nunes Garcia	Anatomia geral e descriptiva.
L. de A. P. da Cunha, <i>Examinador</i>	Physiologia.

IV.—ANNO.

J. B. da Rosa, <i>Examinador</i>	Pathologia externa.
J. J. da Silva	Pathologia interna
J. J. de Carvalho	{ Pharmacia, Materia Medica, especialmente a Brasileira, Therap., e Arte de formular.

V.—ANNO.

C. B. Monteiro	Operações, Anatomia topogr. e apparatus.
L. da C. Feijó	{ Partos, Molestia das mulheres peçadas e paridas, e dos meninos recém-nascidos.

VI.—ANNO.

T. G. dos Santos	Hygiene e historia de Medicina.
J. M. da C. Jobim	Medicina legal.
2.º ao 4.º anno. M. F. P. de Carvalho, <i>Presidente</i>	Clinica externa, e Anat. pathol. respectiva.
3.º ao 6.º anno. M. de V. Pimentel	Clinica interna, e Anat. pathol. respectiva.

LENTES SUBSTITUTOS.

F. G. da Rocha Freire	{ Secção de sciencias accessorias.
A. M. de Miranda Castro	{ Secção de sciencias accessorias.
F. F. de Abreu, <i>Examinador</i>	{ Secção cirurgica.
F. B. de Abreu, <i>Examinador</i>	{ Secção cirurgica.
A. F. Martins	{ Secção medica.
M. M. de Moraes e Valle	{ Secção medica.

SECRETARIO.

Dr. Luiz Carlos da Fonseca.

A Faculdade não approva nem desapprova as opiniões emitidas nas Theses que lhe são apresentadas.

OS MANES

**Do meu melhor amigo, meu inseparavel companheiro,
meu idolatrado Irmão**

O ILLM. SENHOR DOUTOR

JERONYMO GUIDO DE SOUSA CARVALHO

Anjo da minha alma! ente unico e incomparavel para mim! morrestes... morrestes... não posso accommodar-me com esta ideia... não! nunca! Dedicado Amigo, Irmão terno, Pai, e Mãe extremosos tudo fostes... engano-me; fostes mais, muito, incomparavelmente superior á tudo isto! fostes para comigo um anjo... um ente sobrehumano, divino, e sublime... advinhaveis meus desejos, meus sonhos... só vivieis por mim, e para mim... tudo... até a propria existencia sacrificastes ao meu futuro, á posição que occupo, e que vos dero... porque esta era a vossa gloria, era o tudo que aspiraveis... e morrestes sem vê-lo!... repugna esta ideia... parece-me horrivelmente monstruosa, sacrilega, e offensiva á bondade, justiça, e equidade de um Deos! pois que! ainda assim, e em taes circumstancias se morre! não! é impossivel! Deos não é um monstro... pobre de mim! deliro... o meu anjo é morto... é hoje um montão de ossos frios, resequidos, mudos, indifferentes á tudo... nem me ouve, e nem sente... eis o que me crucifica, e me mata...

Nem me é dado uma voz, nem um gemido...
Só murmurio de lagrimas pungido.....

A' MEMORIA

DE

MINHA ADORADA E QUERIDA MÃE

A' ILLM. SENHORA

D. MARIA THEREZA DE JEZUS

A' MEU RESPEITAVEL PAI

A' MINHAS TERMAS IRMÃS

Saudade, saudade! oh! magoa,

Oh! prazer que alenta, e mata!

Oh! sentimento que exalta,

Que arroja em ardente fragoa

O coração do vivente!

Que proibe e que consente

Que do peito exhale um ai!

Saudade! saudade! vai....

Dou-te azas n'um suspiro....

Vai, divaga, faz um gyro

Pelas paragens louçãs

Onde estão minhas Irmãs....

Onde está meu velho Pai,

Todo coberto de cãs....

Lá onde tardes, maubãs,

Céos, estrellas conheci....

Saudade! aonde eu nasci....

Aonde eu tive uma Mãe,

Aonde.... Oh! Céos! a perdi....

.
Ai! penetra-lhe na campã,

O negro caixão destampa,

Beija-lhe os ossos que eu mando....

Saudade! fica-os beijando

Eternamente.... sem fim....

Saudade! tem dó de mim....

Saudade! saudade! vai....
.

A' MEUS IRMÃOS E AMIGOS

OS ILLM.^o SENHORES

Luiz Fortunato de Sousa Carvalho
Francisco Aurelio de Sousa Carvalho

.....
Meus queridos Irmãos! cá! dignai-vos aceitar um exemplar deste opusculo... não por elle que é imperfeito, escripto com lagrimas, e resentido da fraqueza de meus recursos; mas pela pureza, e sinceridade do sentimento que vo-lo offerta em prova do quanto vos devo....

Á MEMORIA

DE MINHA INFELIZ IRMÃ

A LLM.^a SENHORA

D. IGNACIA MARIA DE CARVALHO

Soltou-se alma gentil, vida immatura
De corpo que em mil graças florescia;
Saudade perennal geme, e avalia
Thesouro de que é cofre a sepultura.
(BOCAGE).

AO MEU MUITO DISTINCTO PARENTE

E PRESADO AMIGO

O ILLM.^o E EXM.^o SENHOR

VISCONDE DE PARANÁ

A' SUA MUITO DIGNA E QUERIDA ESPOSA

A Illm.^a e Exm.^a Senhora

VISCONDESSA DE PARANÁ

Senhores! Da rutilante esphera em que o vosso merito e virtudes tão eminentemente vos hão collocado, bem longe de olvidardes o pó da minha insignificancia, pelo contrario

peregrino ha dez annos, longe dos meus, e só, tenho sempre obtido de vós um olhar attencioso, e benigno, um interesse ardente, e cordial, que tanta vez espancou-me as trevas de mil conjecturas, adoeceu-me as magoas de mil soffrimentos... A sollicitude de um Pai, os extremos de uma Mãe, tudo vos devo.... O que pois dizer-vos hoje, neste dia solemne, e indifiniavel para mim? como abrir-vos meu coração, e minha alma? não posso; poupai-me, que a empresa supera as minhas forças....

À MINHA QUERIDA PRIMA

A Ill.^{ma} e Ex.^{ma} Senhora

D. THOMAZIA AUGUSTA CARNEIRO LEÃO

Ao viajor que atravessa infindos, abrazadores, e suffocantes desertos de aréias, ex-hausto de forças, e abatido de cansaço... oh! quanto é doce, e suave o abrigo de um oasis?! a benigna, e propícia sombra de uma rama?! o limpido, fresco, e crystallino arroio de crystal?! Pois bem, minha querida Prima, o vosso acolhimento, e bondade, os vossos sentimentos, e virtudes mais suave, e magicamente se filtrarão em minha alma de peregrino... Eia pois; permiti que, como sombra de minha gratidão, e amizade, eu estampe em minha these o vosso nome divino....

AO MEU PRIMO E AMIGO

O Illm. Sr. Major

SEBASTIÃO ANTONIO JOSÉ RIBEIRO

Gratidão e amizade.

AO MEU DEDICADO MESTRE MUITO DIGNO E ILLUSTRADO PRESIDENTE DESTA THESE

O ILLM. SENHOR DOUTOR

MANOEL FELICIANO PEREIRA DE CARVALHO

Senhor! Vossas brilhantes, e deslumbradoras virtudes, vosso coração magnanimo, e cavalheiro, são o orgulho, e padrão de Gloria desta These, à que vos dignastes presidir,

e honrar... E minha alma penhorada, ardendo em sentimentos de gratidão, e de amizade, ou antes de idolatria por vós, não permite que eu falle: reduz-me a um ente passivo, alvo de emoções, e sentimentos, que não sei exprimir...

Ao Illm.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Vigario

DINIZ HYLARIO NOGUEIRA

Fostes um segundo Pai do meu querido Irmão; elle falleceo em vossos braços... o que pois sereis para mim? um anjo....

Á ESTRELLA DO NORTE, AO GENIO DO BRASIL

O ILLM. SENHOR

DR. FRANCISCO BONIFACIO DE ABREU

Meu amigo do coração! Dois sentimentos vos hei consagrado, que crescendo se confundirão—sympathia, e admiração: ambos conver terão-se em idolatria: eu vos adoro!...

**Ao meu companheiro inseparavel, e antigo, ao meu intimo amigo, ou antes,
ao meu eu mesmo**

O ILLUSTRISSIMO SENHOR

PAULINO CORREA VIDIGAL

Nenhum amou primeiro: em nós o affecto
Foi uma idéa innata, um sentimento
Que não póde ter fim, não tendo origem....
.....

(Castilho.)

Aos meus dedicados collegas e intimos amigos

OS ILLM.^o SENHORES DOUTORES

FERNANDO GOMES CALDEIRA D'OLIVEIRA FONTOURA JUNIOR
E CONSTANTINO JOSÉ GOMES DE SOUZA

Astros que fulgurais! fontes perennes
De turbilhões de engenho luminoso,
De virtudes, de meritos divinos!
A' despeito dos homens, dos caprichos,
Percorrereis a orbita que um Deos
Traçou-vos n'uma esphera sem limites....
Eia pois! prosegui! sorri-vos delles....

Aos meus collegas e particulares amigos

OS ILLM.^o SENHORES

DR. JOÃO RIBEIRO DE ALMEIDA
RAIMUNDO JOÃO DA CAMARA BARRETO
MANOEL ANTONIO DA CAMARA BARRETO
DR. JOAQUIM FLORIANO DE GODOY
MANOEL PINTO DA SILVA TORRES JUNIOR
JOSÉ ALVARES DE MAGALHÃES
DR. FRANCISCO GRÃO MOGOL VIEIRA DE AZEREDO COUTINHO
FRANCISCO ANTONIO DA CRUZ
JOAQUIM CLAUDIO DE SALLES
POSSIDONIO DE MELLO E ASSIOLI

Nossos corações se entendem: basta.

A' Illm.^a Senhora

D. JUSTINIANNA LEOCADIA HELENA DA CRUZ ALVES BRANCO MUNIZ BARRETO
E SUA FAMILIA.

Vós sabeis o quanto me apraz, e me é doce, dedicar-vos minha these....

AO EXM. MONSENHOR

JOSÉ ANTONIO MARINHO

Só Deos, e eu sabemos o que vos devo : jámais esquecer-me-hei de vós...

Ao Illm. Senhor

DOUTOR FRANCISCO JOSÉ PINHEIRO GUIMARÃES

E SUA FAMILIA

Vossa alma é a propria Deosa da virtude,
E o vosso peito o templo onde ella mora!

Aos meus amigos

OS ILLM.^s SENHORES

DOUTORES DO HOSPITAL DA MARINHA

EM PARTICULAR

Ao Illustrissimo Senhor

DOUTOR JOSÉ MARIA DE NORONHA FEITAL

Gratidão, sympathia, e amisade.

Guido de Sousa Carvalho,

PREFACIO.

Ao divino influxo dessa luz mysteriosa, e sublime, que da mais fulgente perola, engastada em teu coração, — o sentimento de humanidade —, se derrama, e illumina-te o sanctuario d'alma... — luz que com tanta magia, e evidencia se reflecte nas lagrimas que vertes pelo infeliz, que soffre — homem! regando-a generosamente com o teu proprio sangue, sacrificando-te, e morrendo, fizeste-a germinar — semente —, fluctuar — arbusto —, e por fim ostentar-se magestosa, e gigante — a Arvore da Medicina — !

Ei-la que se alevanta colossal, e immensa! encravão-se-lhe as tortuosas, e reforçadas raizes na profundeza de passados seculos! leva-lhe o empinado, e vultoso tronco caminho direito — á perder-se —, parallello á escala das idades! e a espessa, e enorme folhagem, sempre ao par com a epocha do presente, abriga, e ampara sollicita, de geração em geração, a humanidade desvalida do rijo embate da morte! Enthronisa-se-lhe nas grimpas seu rei, seu creador, — o memoravel, e venerando ancião de Cós! dissera-se que aguarda um dia, em que esse colosso, vicejante, e bello, aquinhoando-se de seiva melhor elaborada, e perfeita, mais, e mais assumindo-se, e ampliando-se, toque o infinito, abranja a eternidade... e elle — de joelhos em suas sumidades — acurve-se, e deponha aos pés do Eterno o aperfeiçoado fructo da vida, que lhe fôra usurpado, e que só lhe fôra dado possuir!

Escasso, e pobre de forças, de recursos intellectuaes, — eis-nos pasmo, e absorto contemplando essa enormidade de tamanhas dimensões... desorientada, e sem norte, perde-se, e apaga-se a debil centelha do nosso entendimento, no agitar de tantas conjecturas, em busca de um nexo, de um fio, que encadêe, e dê com o parentesco de nossas obscuras, e confusas idéas... — e pois nos é imposto o oneroso encargo de escrevermos tres pontos de these, e todos elles dependem, e reclamão profundo conhecimento de todos os órgãos do immenso Vegetal, que figurámos! —

Houvemos de ceder por muito tempo ao desanimo; bradarão perto a hora, e o dever; a bondade, e indulgencia de nossos sabios, e magnanimos mestres derão-se as mãos... symbolizarão a estrella polar que apontou-nos a direcção do porto de salvamento, — e nós escrevemos —

— Ei-la — sêde complacentes com ella — a pobre da minha these. —

PRIMEIRO PONTO.

Da influencia atmospherica nos phenomenos physiologicos e pathologicos: em particular das perturbações que esta influencia produz durante o dia e a noite.

À essa especie de manto vaporoso, e subtil, de cerca de 15 á 16 leguas de espesura, que — trajando-a — se amolda á fórma da terra, e mais, ou menos de perto a acompanha em seu movimento diario, ou de rotação, — eis ao que se conveio em denominar — *atmosfera*, — de dois radicaes gregos, que dizem — *esphera de vapor*.

Colocado o homem no centro desta esphera gazosa, e em contacto immediato com ella, depende, e participa de quanto a possa modificar physica, ou chimicamente, reduzindo-se á *influencias* mais, ou menos profundas no rythmo de suas funcções, quer de relação, quer organicas.

É por ella que elle relaciona-se, e prende-se á quanto o rodêa, e cêrca, pondo-se em jogo a maior parte dos seus orgãos de relação, de uma maneira suave, ou desagradavel, — activando-se, ou pervertendo-se. — É por ella que o homem experimenta pelo lado dos sentidos tantas emoções, e transportes, que tão alto fallão, e preponderão no phenomeno da sua conservação. — É por ella, emfim, que a benefica, e limpida gota da vida se lhe escôa placida pelo organismo, dando-lhe força, e vigor, ou o torpe, e corrosivo veneno da morte se lhe inocúa revoltó — e o arruína, e mata!

É assim pois que a *atmosfera*, por sua *fluidez, elasterio, e transparencia*, impressiona, e enleva os sentidos do homem, transmittindo-lhe fielmente longincuas, e concertadas notas de uma voz por ventura celeste, compassada por um bafejo de brisa, que se quebra, se embalsama por flores, e acarreta-lhe aromas — ao pallido influxo de uma lua de prata oscillante, e tremula na cupula dos céos..

— Sous rudes, e asperos, exalações picantes, e corrompidas, raios deslumbrantes

de uma luz excessiva, tão bem ella os transmite, perturbando, ou destruindo o exercicio destas funcções.

É assim que ella, ainda por sua *fluidéz, e elasterio*, concorre á producção daquella faculdade, que tanto lisongêa, e engrandece o homem, que tão grata lhe é, e sem a qual fôra tudo baldado, impossivel, e absurdo — a sociedade, o progresso, a illustração: — quero fallar da palavra.

É assim, finalmente, que esta massa, constituindo-se o immenso theatro da meteorologia, descortina-se radiante aos olhos do homem, transportando-lhe o espirito e o coração, por multiplicadas, e tocantes scenas, desde o mais ameno, e suave quadro, até o mais assustador, e medonho, — mas inda bello — ; e onde a luz, estampando-se, e reflectindo-se diversamente, segundo o grupamento desses globulos aquosos, que pairão por essas alturas, como que se encarrega das vistas —, das imagens — adequadas ao assumpto, concernentes ao drama, que tem de ser representado. — É assim que se ella reflecte roixa, e dolorosamente bella nas franjas de uma nuvem — em uma tarde de recordações, e de saudade — ; purpurina, e doirada — no triumpho, e magestade do sol — ; variada em matiz, com regularidade, e ordem — na placida bonança do iris — ; finalmente, pavorosa, negra, e sinistra — no espesso costado de uma nuvem borrascosa, prehe de raios, que devem recitar no espaço pela rouquenha garganta dos trovões — a horrivel tragedia da tempestade! — mas solemne, e sublime!

Corramos porém o panno á este theatro de inspirações, e maravilhas, e encaremos a atmospherá pelo lado de suas influencias mais positivas, e materiaes.

Deveriamos, buscando dar uma idéa da natureza intima desta massa, e das substancias, que constante, ou accidentalmente a constituem, estuda-las de uma maneira directa em sua origem, natureza, e propriedades; analysa-las em sua composição; assignalar-lhes as diversas modificações, que soffrem, segundo relações de localidade, estação, tempo, &c. Como, porem, o ponto, que a sorte nos deparou, não faz questão da atmospherá em si, mas só da influencia, que ella exerce nos phenomenos physiologicos, e pathologicos, figurando-a com a natureza, e propriedades, que lhe são reconhecidas, — admittindo-as como um facto, — trataremos de referir apenas as diversas influencias, que ella acarreta ao homem são, ou doente; — particularizando, fieis ainda ao nosso ponto, as perturbações, que ella produz durante o dia, e a noite.

Por suas influencias physicas, e chimicas no organismo são, ou doente, tende a atmospherá, de uma maneira constante, á regular, manter, perturbar, ou destruir o equilibrio da vida.

Estas influencias deprehendem-se da sua natureza, e das substancias que constante, ou accidentalmente á ella se aggregão.

Ella é pezada, fluida, elastica; é quasi exclusivamente formada de ar, e vapores d'agua; contém fluidos, que mais, ou menos modificão-lhe as propriedades, na razão da sua quantidade: — calor, luz, electricidade; emanações deletereas, miasmas a infectão, e vicião, &c.

INFLUENCIAS.

DA PRESSÃO ATMOSPHERICA. — O espirito humano, essa força, por assim dizer, infinitamente energica, e activa; incapaz de aquietar-se, e de jazer; que se arroja, sup-
planta, e triumphá de quanto se lhe anteponha, e tropece-lhe o passo; que atrophia-se, e morre nas trevas da ignorancia, e viceja, e floresce ao influxo, e clarão da verdade, e do saber; o espirito humano, dizemos, de longa data estacou, maravilhado, e absorto, ante a successão de mil phenomenos naturaes, que por causa unica só reconhecião — a pressão atmospherica.

Não descançou; debateo-se, e agitou-se em busca de uma solução, que o satisfizesse, e — o horror ao vacuo da natureza — teve por muito tempo de acalenta-lo, e de nutri-lo. — A natureza porém, como que despeitada com uma imputação, que em nada menos importava, que em uma falsidade pueril, e mesquinha, organisou e desenvolveo por seu turno em Pisa, o fecundo e ponderavel cerebro de Gallileo: — e a atmospha pezou!

Mais tarde espiritos gigantes apparecerão; e não sómente se ha chegado ao accordo de que a atmospha peza, senão tãobem marcado precisa, e evidentemente a medida, e variações deste pezo. — Assim é corrente hoje, que, ao nivel do mar, uma columna d'agua de 32 pés de altura, ou de mercurio de 28 pollegadas, faz equilibrio á uma columna atmospherica da mesma base. — A columna de mercurio constitue o barometro; este encarrega-se de revelar-nos as variações de pressão, segundo se ellas observão em alturas superiores, ou inferiores, em relação ao nivel do mar, e segundo mudanças meteorologicas, mais, ou menos pronunciadas, modificação, na mesma razão, a atmospha. — Tal é o estado de luzes, á que havemos chegado nesta direcção, e caminho: — graças á solitudes de Torriceli, e ás lucidas e persuasivas observações de Pascal.

Envolvendo, pois, a atmospha, como fica dito, todo o ambito do planeta, que habitamos, e gravitando sobre todos os seus pontos, o homem, que poisa em sua superficie, não devia ficar izento de uma tal influencia. E pois a pressão atmospherica sobre o homem, sendo logica, e rigorosamente uma verdade em physica, é em physiologia uma sabia, e providente disposição da natureza, attenta a particularidade da organização humana: — com effeito; contendo o organismo do homem fluidos, que gosão de uma tensão, ou força elastica que os fórça á rebentar para o exterior, evidentemente o farião, como experiencias o demonstrão, á não dar-se essa enorme pressão, orçada em 33,600 libras para um homem de estatura mediana. — Nem sirva de pasmo, e surpresa a possibilidade de poder a debil orgonisação humana suportar este onus, sem duvida exorbitante, da atmospha, agitando-se, e movendo-se livremente em todos os sentidos, e direcções; por quanto, devemos ter presente — a fluidez, e elasterio do ar; depois — a luta que se estabelece entre a sua pressão, e a força expansiva dos fluidos do organismo; e, finalmente, — que, se os membros do homem agitão-se, e movem-se livremente em todos os sentidos, e direcções, é que a atmos-

phera tambem actua-se, e gravita sobre elles em todos os sentidos, e direcções; de maneira, que todo o seu esforço consiste em romper o prumo de um equilibrio de forças iguaes, e oppostas, que se neutralizão e se destróem.

É assim pois, que a natureza, como dissemos, sábia, e engenhosamente prevaes-cendo-se da propriedade *fluida—elastica* da atmosphera, tira partido della, afim de agenciar ao homem toda a utilidade, e vantagens, removendo os inconvenientes, á que o contrario irrevogavelmente o sujeitára.—Cumpre apenas lembrarmos, ainda em abono ao que levamos dito, a influencia da pressão atmospherica, de que falla Tardieu, e que consiste em manter por si só, sem o concurso da pelle, e musculos, as superfícies da articulação coxo-femural adaptadas uma á outra, e—seja dito de passagem—de cuja falta se elle prevaesce, e explica a fadiga, que experimentão os viajores no pincaro de elevadas montanhas.—Ella concorre ainda, accessoriamente, para a circulação venosa, segundo Barry, Berard, e outros.

A pressão atmospherica porém não é constante, e sempre a mesma: ella pode variar para mais, ou para menos—augmentar-se, ou diminuir-se—, dando occasião á phenomenos salutaes, ou damnosos á economia animal.—Isto posto, importa dizer, que, se o homem collocado nesta, ou naquella posição,—em minas, valles, montanhas, ou em ballões aereos,—pode, em relação ao pezo, experimentar effeitos diversos, segundo são diversas as alturas da columna atmospherica, segundo se ella observa mais, ou menos empregnada de vapores d'agua, ou que o calorico rarefá-la separando-lhe as moleculas, releva todavia lembrar,—que estas causas varião até certo ponto em seus effeitos, segundo se ellas operão gradualmente, ou de chofre, e segundo habitos, naturezas, idiosyncrasias, individualidades, &c.

Deprehende-se d'aquí, que,—ao menos em quanto as condições de augmento, e diminuição de pezo guardarem certos limites, e o aparato de certas circumstancias— não será de facil successo o aventurar-se um juizo, que marque de uma maneira peremptoria a influencia prospera, ou fatal da atmosphera sobre a economia animal.

Assim, ainda que, na condição de um pezo consideravel da atmosphera, se possa afortadamente conjecturar que seja útil, que facilite, e suavise a função respiratoria, ampliando-a, enriquecendo-a em principio reparador,—em consequencia contri-buindo á perfeita integridade de todos os orgãos; ainda que, na condição de um pezo menos consideravel,—em uma montanha pouco elevada, por exemplo, se possa consignar estas influencias como mais lizongieras, compensando-se a diminiuição de pezo pela maior frieza, seccura, pureza, densidade, e abundancia de oxigeneo da atmosphera; todavia as coisas mudão de face, quando se tracta de assinalar as influencias de uma atmosphera, muito ácima, ou muito abaixo do nivel do mar,—no tópo, ou na profundeza das montanhas, ou das minas:—aqui, e ali, habitos, natu-rezas, individualidades, e circumstancias albeias á pressão atmospherica burlão, e contrarião as observações: de maneira, que ao certo só poderá contar-se com a infallibilidade da morte por asphyxia, toda vez que palpamos o coração da terra,

ou tentarmos as profundezas do espaço. — Na verdade ; se o espirito fascinado pelas vantagens, que resultão de uma pressão forte, é com effeito arrastado á concluir, que no interior de uma mina não residão condições desfavoraveis á manutenção da vida ; uma razão recta, e judiciosa de certo hesita, e recúa, ao ver quanto pode a facil corrupção do ar nestas alturas, e o habito, á que estão affeitos os que as frequentão, mais, ou menos mascarar, e encobrir a verdade.

Assim foi, que o espirito de Deluc, por ventura leviana, e desavizadamente, pelo feito de não observar alterações notaveis nos mineiros, concluiu, que os effeitos fatães destas regiões não erão tamanhos, quanto se dizia. — Assim foi, que a razão severa, e calma de Londe se não quiz precipitar de prompto, — conjecturou a possibilidade da alteração do ar em taes circumstancias, e suspendeo o seu juizo.

Volvámo-la — a questão — pelo inverso. Quando a diminuição do pezo da atmosphera se opera de uma maneira gradativa, e lenta, nada observa-se de anormal, e avêssõ ao estado physiologico no homem : — como que a natureza — (permitta-se-nos a phrase) se distende, e se amolda ás circumstancias do meio em que vive.

Dos polos ao equador rezidem homens — e vivem. Habitão-se e cultivão-se os altos planos de Quito, sem que todavia notem os viajores em seus habitantes aberrações do estado normal.

Observadores viverão por longo tempo na crista do Pichincha, que marca 2471 toezas e meia sobre o nivel do mar, e virão além, á 200 toezas acima delles, abutres equilibrados nos ares !

Quando esta diminuição se opera de subito, vemos, que os effeitos que devera importar, e de que fallão os auctores, ainda subordinão-se aos habitos, naturezas, individualidades, e circumstancias outras, negando-se uns, substituindo-se outros, e apparecendo novos com que se não contava. — Confrontemos o que referem os auctores sobre isto. — Cassadores de cabra montez, dizem Biett, Beclard e outros, alternadamente dirigem-se, sem o mais leve inconveniente, dos valles aos Alpes. — Mulheres de um logarejo, proximo á Sixt, pernoitão em Fonds, ahí ordenhão suas vaccas, e descem todas as manhãs á coadjuvar seus maridos no cultivo da terra. — Saussure, que, em sua ascensão ao Monte Branco, falla de excitação nervosa, febre, frequencia de pulso, avidéz pela agua fria, horror ao alcool, e alimentos, confessa, que estes effeitos se manifestão em alturas differentes, — segundo os individuos —, e accrescenta que só nas maiores alturas se elles observão em todos — Deluc, Meyer, d'Aran negam estes effeitos, explicando-os pela fadiga, frio, receio do perigo, etc. Gay-Lussac, que remontou á 7,000 metros alem do nivel do mar, só falla de acceleração da respiração, e circulação, secura da boca e garganta. Londe apenas sentio frio nos Pyreneos, e Alpes. — Humboldt, nas immediações do Volcão de Antisana, lançou sangue pelos labios, gengivas, olhos ; Saussure confirma estes phenomenos ; entretanto Tardieu declara, que elles distão muito da frequencia que lhes tem pretendido dar os auctores, principalmente as hemorragias pulmonares, que só admitte em certos individuos ; notando dever examinar-se, se os observadores, vic-

timas dellas, achayão-se ou não affectados de molestias chronicas do pulmão. — Bonguer nas cordilheiras soffreo vomitos ; os attribue porém ao cansasso, notando, que os que subião á cavallo, e todos no cume, onde o ar é rarissimo, deixarão de soffre-los. — Tem-se fallado ainda em congestões cerebraes, que Tardieu julga rarissimas, e que todavia, estribando-se nas ideias de Barry á respeito da influencia que gozão os movimentos respiratorios no curso do sangue das jugulares, tenta explicar o como possa ter isto lugar. — Restando-nos, emfim, a fadiga, á respeito da qual todos os auctores são accordes, diremos, que se Weber, e Tardieu buscão explica-la, como já dissemos, pela falta de pressão atmospherica na articulação coxo-femural, outros muitos explicão-na pela ingremidade do plano, pela mobilidade do terreno, sempre fugitivo debaixo dos pés, nestes lugares, etc.

Do que fica exposto concluimos, que, com quanto estes phenomenos sejam sancionados pela physiologia, e pela physica, encontrando nestas sciencias as mais seductoras, plausiveis, e arrazoadas explicações, todavia, uma razão timorata e escrupulosa, ao notar tanta divergencia, e contrariedade, hesita em dar o seu assenso, em consigna-los como infalliveis, invariaveis, e unicamente causados pela maior ou menor pressão atmospherica.

Cumprindo-nos agora notarmos as influencias da atmospha, sob este ponto de vista, nos phenomenos pathologicos, diremos, que um lugar muito elevado offerecerá aos individuos que soffrerem dos pulmões e coração, que forem propensos á congestões cerebraes, aggravos, perturbações, em vez de vantagens. — Será, pelo contrario, util á aquelles, que de alguma maneira necessitarem de estimulos : quero fallar dos hydropicos, lymphaticos, anemicos, escrofulosos, etc.

DA FLUIDEZ E ELASTICIDADE. — Já vimos o quanto estas propriedades da atmospha conjunctamente concorrião á effectuar-se o phenomeno da sua pressão sobre o organismo do homem, sem que todavia se elle ressentisse della, e lhe embargasse os movimentos. Agora diremos, que, se é ainda pela igual distribuição de sua força elastica, em uma camada de nível que a atmospha colloca-se em equilibrio, é tambem ainda por sua fluidez que ella, eminentemente movel, apenas se dá um desvio de temperatura em qualquer de seus pontos, abala-se, desequilibra-se, e tende a occupar esse ponto, dando lugar assim ao que se chamão — correntes de ar, ou ventos. — Tambem a rotação do globo, detendo-se um tanto a atmospha em seguil-o, é causa de um vento geral, chamado de éste, que sopra do oriente para o occidente. — Se é indubitavel que os ventos, modificando a temperatura, e o estado hygrometrico da atmospha, exonerando-a de impurezas, vapores, miasmas, e emanções deletereas, contribuem exuberantemente ao perfeito exercicio de todos os órgãos, á manutenção da vida, tambem é certo que elles, exorbitando as condições de temperatura, e de humidade della, convertendo-se em vehiculos de infecção, e de contagio, não menos vezes são causa ponderosa de perturbações, de estragos, e de mortes. — Tocamos por emquanto apenas de passagem nestas modificações, que os ventos importão á atmospha, e guardamo-nos para o diante, onde, em occasiões

mais opportuna, trataremos das principaes entre ellas, e de suas respectivas influencias. — Por agora fallemos do que de mais perto entende-se com elles.

Se bem que a influencia dos ventos sobre o organismo dependa das qualidades do ar, contudo como que elles gozão da propriedade de augmentar a intensidade, e os effeitos destas qualidades. Assim a acção de um vento frio será sempre mais pronunciada que a de um ar frio, e calmo. Os ventos encanados produzem não raro inflammções de mucosas — coryzas, bronchites; rheumatismos, pleurizes são tambem o effeito do contacto subito de um vento frio, segundo os órgãos correspondentes á estas affecções se achão mais ou menos predispostos, e irritados. — Os ventos quentes, e seccos notavelmente gozão de effeitos eminentemente energicos, comparados aos de uma atmosphaera tambem quente e secca.

Venha á proposito fallarmos nesses ventos candentes, abrazadores, suffocantes, e impregnados de uma poeira ardente, que arrojão-se ás regiões da Asia e da Africa, havendo atravessado os desertos inflammados da Negricia, da Nubia, e da Sahara; que desseccão e estallão os corpos, deslocão os assoalhos das casas, descozem e desunem os pontos, e peças dos navios, etc. — O Khamsin dos Egyptios, ou o vento do deserto, diz Volney, é semelhante ao que sabe de um forno ao tirar-se o pão; e se atura mais de tres dias suffoca os habitantes. —

Abstrahindo-se das qualidades de frio, ou calor, humidade, ou seccura, os ventos exercem uma influencia mechanica tanto mais pronunciada, quanto são elles mais violentos. — Assim, com-quanto se elles reduzão, movidos por causas de pequena escala, á brandas agitações, que desabafão e atenuão o ardor de uma atmosphaera quente, e calma, tornando-a mais fria e mais secca, varrendo-a de impurezas, em consequencia facilitando e promovendo a perfeita normalidade da funcção respiratoria, todavia, quando reconhecem por movel acontecimento de maior vulto — a condensação de uma grande nuvem por ex., — uma elevação extensa e repentina de temperatura em uma região vizinha —, então, desfeitos em furacões, em impetuosas rajadas, revolvem e sacodem arêas, desenraizão arvores vetustas, soçobráo navios, desmoronão edificios, e o homem, no meio de tanto alvoroço e desconcerto, rara vez depara refugio, victima quasi sempre de semelhantes convulsões. —

Menos violentos, ainda são elles causa de ophthalmias, anginas, phlegmasias do peito, etc., quando, pelo feito de marchar-se á pé, ou á cavallo em sentido opposto á elles, se expõe estas partes ao encontro da sua direcção. —

DA ELECTRICIDADE. — Mais ou menos diffundido ou aggregado, segundo circumstancias variaveis, existe sempre, ainda que muita vez desapercibido, fluido electrico livre na atmosphaera, tanto mais notavel, quanto maior é a sua altura. — Em uma atmosphaera secca e calma, achando-se elle então nimiamente diffundido, suas influencias passão-se de um modo insensivel, e suave na economia animal. — Quando, porém, por um decrescimento de temperatura, os vapores d'agua, constantemente espalhados na atmosphaera, affluem á um ponto, se agglomerão, dando lugar á formação de nuvens, o fluido electrico livre, acarretado tambem pela proprieda-

de conductora dessas visículas aquosas, concentra-se, e reune-se com ellas, occupa a periferia das nuvens pela repulsão reciproca que exerce entre si, e d'ahi a influencia notavel exercida sobre o sollo, áfim de restabelecer-se o equilibrio com elle.

Seja porque o fluido das nuvens reaja, e se neutralise entre ellas; seja porque se elle ahi reuna em mui pequena escala, ou porque o ar excessivamente secco oppo-nha barreira á communicação, muita vez, ao menos de prompto, se não dá o desfecho deste conflicto horroroso.

Entretanto, durante este periodo de angustias e de oppressões, os individuos de um temperamento nervoso resentem-se de acabrunhamento, indisposição, anciedade, tremores, contracções, cephalalgias, terror, angustias, vomitos, etc., etc.

Se porém a humidade do ar, ou a quèda da chuva estabelece a communicação dos fluidos, ou se finalmente a carga, e a tensão electrica são bastante fortes para sobrepujar o obstaculo offerecido pelo ar excessivamente secco, então, enegrecido, e torvo o espaço —, concentradas as potencias do céo e da terra —, o raio lampeja fugaz —, s' sinistro se debuxa no fundo escuro das trevas, sulca os ares, e aniquilla á quanto se lhe antepõe. —

Victima de comoções e abalos, prostrado e abatido, é o homem, — se desgraçadamente faz parte dos agentes conductores deste fluido —, muita vez o alvo desta conflagração horrivel, perturbando-se, ou destruindo-se quasi sempre a função deste, ou daquelle orgão, sem que todavia succumba. — Não parão aqui porém as suas ruinas: — escáras, queimaduras, mutilações, despedaçamentos e a morte, — que muita vez se não corteja de phenomeno algum pathologico, que a denuncie, e explique —, eis o quadro ensanguentado dos estragos produzidos pelo raio. —

DA LUZ. — Tão reconhecida tem sido de todos os tempos a importancia desta emanação mysteriosa, que tanto ha preocupado espiritos de tamanho vulto, no proposito de prescrutar-lhe a natureza intima, que o — fiat lux — como a mais urgente necessidade, forão as primeiras palavras, que a tradição collocou em os labios do Creador, quando do seio do nada teve de evocar a Natureza, e crea-la.

De feito; á dar-se o Universo sem ella, nada mais fizera o Creador, — em vez de um rei cingido com o diadema dos astros, com o ouro, e a purpura do Sol, tendo por dominios o infinito, a eternidade por duração, e existencia —, que dar entidade á um immenso cadaver, envolto em um sudario eterno, e caliginoso de trevas, abatido e exangue nas profundezas do espaço! É pois a luz a vida, a alma da creação. — E o homem, senão a principal, talvez a mais engenhosa e sublime feitura de Deos, não podia ser indifferente, e eximir-se della: — elle avigora-se e mèdra ao seu vivificante influxo, e definha se, e morre no torpor da escuridade. —

É assim que vemos a robustez physica, e moral tão vivamente representada no colorido rubro das faces, na rigidez, e espessura dos tecidos, e dos musculos, na agilidade dos movimentos, na coragem, na rapidez e successão das ideias, na fecundidade da imaginação, na hilaridade folgazã, no contentamento, e no rizo daquelles, que se não forrão á grata influencia da luz. — A pallidez, a fraqueza, a covardia, a

morosidade no corpo, e nas ideias, a imbecilidade, a fleuma, a hypocondria, a tristeza são, pelo contrario, o apanagio dos infelizes que vegetão na escuridade. — Obstruções do baço, e figado, hydropisias, escrofulas são geralmente as molestias, que de preferencia affectão a estes individuos. —

Exercendo-se a luz com mais especialidade sobre o olho, diremos, que seus effeitos varião neste orgão em relação á sua intensidade, e direcção, em relação ao ella affecta-lo de subito, ou de continuo. Assim, se é verdade que é ella indispensavel, e util ao orgão da visão, quando guarda certos limites, e circumstancias, cumpre notarmos, que uma luz muito forte, directa, ou reflectida, estimulára o olho por demais, e d'ahi as consequencias de uma irritação; muito fraca, pelo continuo esforço que fizera o olho para ver, ferira-o de inercia; nulla, prolongadamente, augmentára a susceptibilidade da retina, torna-la-hia muito sensivel, e irritavel, exposta que fosse ao seu excitante proprio; continua, sem interrupção, a luz ordinaria ainda estimulára a retina, inflammára os orgãos accessorios do olho, produzira congestões, e esgotára-lhe a actividade; de subito, pelo choque que soffrera a retina, o deslumbramento, e a cegueira.

As ophthalmias agudas, ou chronicas, as cataratas, a myopia, amblyopia, etc., são pois as consequencias destas variações de circumstancias da luz.

DO AR. — Se é o ar por excellencia a parte da atmosphaera cujas influencias da mais perto se entendem com a vida, introduzindo-se em os nossos pulmões, imprimindo ao sangue venoso o cunho de arterial, tornando-o, por tal arte, apto ao preenchimento dessa grande função da vida — a nutrição —; se é elle (para que assim o digamos) que insufla e mantém em os nossos tecidos e orgãos, senão em totalidade, ao menos em grande parte a calorificação animal; se é, finalmente, por elle que se dá esse liame harmonico, essa dependencia reciproca, engenhosamente estabellecida de uns para outros — vegetaes, e animaes —; póde tambem o ar atmospherico, ora perdendo as proporções de seus principios, e attributos, ora constituindo-se vehiculo de miasmas, emanações deletereas, e corpusculos mechanicamente irritantes, não poucas vezes ser a causa mais poderosa, e frequente dos males, que flagellão a humanidade.

Na verdade; é sabido que o ar, depois de haver-se prestado á respiração, tem perdido uma porção do seu oxigeno, tem ganho uma certa quantidade de acido carbonico, vapores d'agua, e azoto, variavel em muitas circumstancias. A' ninguem sendo estranhos os effeitos fataes de um ar, escasso em oxigeno, deixa-los-hemos de parte, e repetiremos com Londe, que, uma vez constituindo-se a quinta parte do ar, o acido carbonico asphixia em dois minutos; — cephalalgias, atordoamentos, delirio, prostração, asphyxia, e morte —, tal é o cortejo dos symptomas, que produz. « O azoto (diz o mesmo auctor), achando-se em suspensão no ar, além dos dois terços, em que habitualmente se acha, torna-o muito perigoso de respirar-se. » Desde a quarta, ou quinta inspiração do gaz azoto (continúa elle) sente-se difficuldade em respirar, vertigens, cephalalgia, lividez nos labios, e no rosto; caso persista-se em

respira-lo — asphyxia, e morte. — Logo, desde que pela reunião de muitos individuos em um recinto, por fermentações alcoolicas, pela falta de renovação do ar, etc., se der o predominio destas substancias, e a desproporção em os principios do ar, tornar-se-ha este, em vez de util, fatal á existencia do homem.

Do CALOR, E DA HUMIDADE. — O calor atmosferico não guarda sempre a mesma intensidade: elle varia para mais, ou para menos, segundo accidentes, segundo circumstancias, e localidades. Assim a natureza do solo, sua situação relativa ao nivel do mar, sua inclinação, as evaporações pela proximidade das aguas, os ventos, etc., são ordinariamente as causas, que modificão-no constantemente no sentido, que acabamos de mencionar.

Contribuindo o calor, não só directamente, mas promovendo correntes de ar, ou tornando-o mais leve pela rarefacção, ás evaporações aquosas em maior, ou menor escala, já se vê, que a quantidade destes vapores, ou a humidade atmosferica depende das variações de temperatura, como consequencia necessaria dellas. Não trataremos destas modificações: recebe-las-hemos como verdades inquestionaveis, e assignar-lhes-hemos as influencias, que prodigão ao homem são, ou doente.

Marca-se ao ar atmosferico, como temperatura ordinaria, a de 22°; diz-se fria, abaixo de 0°; temperada, de 0 á 15°; quente, de 15 á 30°. O ar, sob a relação de temperatura, e humidade, pôde ser secco, e quente, humido, e quente, secco e frio, humido, e frio.

Secco e quente. — Com quanto o ar, na temperatura de 15 á 20°, seja mais dilatado, offereça em um volume dado menor quantidade de principio reparador, todavia, bem longe de ser nocivo aos habitantes de um clima temperado (salvo individualidades particulares) promove-lhes impressões excitantes e agradaveis sobre a pelle, a energia, e actividade das funcções, a rapidez dos movimentos, sobre tudo quando á humidade, e frieza do inverno succede-se a primavera.

Individuos ha que á mais de 20° ressentem-se de effeitos torpentes, quando outros a mais de 26 apenas experimentão effeitos estimulantes.

Passando á tratarmos da temperatura á mais de 25°, cumpre notarmos, que a influencia do habito milita grandemente nas variações dos seus effeitos. A natureza, e organização dos individuos habituados como que se amolda, e se modifica conforme o meio em que vive: — seu peito, e pulmões estreitão-se e comprimem-se; não urgem, e nem ressentem-se da escassez do principio reparador. — O mesmo se não dá porém em os não habituados, em quem não raro se observão cephalalgias, vertigens, intumescencia das veias, especies de plethora, ameagos de congestões, etc.

Si a temperatura sóbe, e toca á mais de 30° — agonias, agitações, esforços para respirar, e desespero; se augmenta de subito — asphyxia.

O calor ainda produz sobre os demais órgãos effeitos, que passamos a mencionar, taes são — suores abundantes, urinas raras, sêde, repugnancia á alimentação de carnes, predilecção á de vegetaes, á fructos acidos, refrescos, etc.; produz ainda insonia, torpor, abatimento, imbecilidade, etc.

As molestias nervosas, a hysteria, catalepsia, hyponchondria, os individuos biliosos, e irritaveis, os phthisicos aggravão-se pelo calor elevado. É util aos lymphaticos, escrofulosos, etc.

Humido, e quente. — Se o ar muito quente é o que possui maior capacidade de saturação, conservando latente, e inapreciavel a humidade, que contém, segue-se, que será precisa grande somma desta, para que exceda a sua capacidade, e torne-se apparente e sensivel. É pois o ar quente e humido aquelle, que contém maior quantidade de vapores d'agua. E como pela addição de vapores a densidade do ar diminue-se, augmentando-se a sua tensão, e volume, segue-se ainda, que é elle, d'entre todos, o menos apto ao preenchimento da funcção respiratoria. Seus effeitos sobre o pulmão são em tudo analogos aos do ar precedente, sendo porém mais avultados, e salientes. Não sendo como o precedente util ás pessoas escrofulosas, e lymphaticas, e até parecendo desenvolver estes temperamentos em homens sedentarios, parece ser util, pelo contrario, á individuos irritaveis, nervozos, seccos, victimas de affecções agudas, etc. Concorre, segundo Moreau de Jonés, á regularidade da funcção respiratoria, dando lugar á molestias de pelle, que são substituidas, apenas elle cessa, por catharros, anginas, bronchites, pleurizes, etc.

Secco, e frio. — O frio, bem como o calor, varia em sua intensidade, e produz, na razão della, sobre a pelle, e orgãos perifericos effeitos que varião por sua vez desde o arripiamento, enrugamento, constricção, e irritação até a insensibilidade, a congestão do cerebro, e a morte.

Quando, porém, de harmonia com a seccura do ar, elle conserva mais, ou menos um termo razoavel, sendo de todas aquella temperatura, que em melhores condições colloca o ar em referencia ao homem, prodiga á este, quando é elle forte, robusto, bem vestido, e nutrido, as vantagens sobremaneira lisongeiras de uma respiração ampla, rica em principios vivificantes, juncta á pouca transpiração, raridade de evacuações alvinas, digestões faccis, appetite ardente, etc. Reacções se manifestão; desenvolvem-se os musculos, o peito, os pulmões; a torrente arterial augmenta-se, a agilidade, a energia, e a força redobram, etc. Esta propriedade tonica do frio converte-se, pelo contrario, em debilitante, quando se ella exerce em individuos debeis, nervozos, lymphaticos, que vestem-se, e alimentão-se mal, decrepitos, etc.

Humido, e frio. — Tendo os vapores d'agua muito maior capacidade para o calorico que o ar, segue-se, que o frio do ar humido será muito mais intenso, que o frio do ar secco; e dahi os seus effeitos, sob esta relação, muito mais pronunciados que os deste.

Parece (e muitos auctores o professão) ser este ar absolutamente funesto á todos os individuos; entretanto individuos ha, na opinião de Londe, em quem esta temperatura dispõe favoravelmente o physico, e o moral. Absorções de humidade, predomínio dos liquidos brancos, bronchites, corysas, pnaemonias, rheumatismos, etc. — eis os effeitos que em geral produz.

DOS MIASMAS, EFFLUVIOS, EMANAÇÕES DELETEREAS, ETC. — Não obstante a chimica

não ter ainda marcado com toda evidencia, precisão, e clareza a natureza das emanações cadavericas, todavia os seus effeitos perniciosos não podem ser suspeitos de inaccuratos, quando innumerados factos á cada instante os proclamão. Os carniccios, diz Londe, quando relaxão a lavagem, e limpeza dos matadouros, e que o sangue, e fragmentos de animaes putrificão-se, são victimas de inflamações visceraes miasmaticas, acompanhadas muita vez de carbunculos, anthrazes, pustula maligna, etc.

Esse facto tão fallado do Dr. Chambon, e quatro companheiros, morrendo um, soffrendo outro uma erupção exanthematosa, perdendo este para sempre a saude, sendo aquelle victima de uma languidez prolongada, pelo feito de abrir-se um cadaver altamente decomposto; a peste que, segundo Pariset, assóla os Egypcios, desde que cessou ali a praxe de embalsamar os cadaveres; as febres graves, que na opinião dos médicos Romanos assaltão á aquelles, que se demórão por algum tempo no templo de Santa-Maria-in-Lucina, onde é costume ainda sepultar-se mortos; emfim, a repugnancia instinctiva, que inspirão, o máo cheiro, que exhalão, tudo demonstra, e attesta a malignidade de semelhantes emanações.

As emanações das latrinas, esgotos dão lugar á ophthalmias, que muita vez se limitão á cocéiras, á vermelhidões intensas (ammoniacae); embaraço gastrico, e intestinal; tosse suffocante, gritos involuntarios, movimentos convulsivos, asphyxia, e morte (hydro-sulphurico).

Os effluvios, que reinão nos locaes proximos á charcos, lagóas, pantanos, alterão o equilibrio dos liquidos da economia: predomina o branco; ha empastamento dos tecidos, pallidez, morosidade nos movimentos, obstruções de baço, e figado, hydro-pisias, febres intermittentes, etc.

Os miasmas dão-se pela reunião de muitos individuos em um recinto. Elles ou são deletereos, ou contagiosos. Os primeiros tendem á produzir ordinariamente embaraços gastricos, diversas especies de typho, etc. Os segundos gozão da propriedade de reproduzir as mesmas molestias, que os tem produzido — bexigas, esscarlatinas, sarampos, etc.

Entre as emanações metalicas, que podem viciar o ar, as do mercurio, chumbo, cobre, arsenico, e zinco, são as mais notaveis e communs.

As emanações do mercurio produzem dores articulares, abalos nos dentes, tremores, phenomenos cerebraes, languidez, morte por consumpção, ou apoplexia, etc.

As emanações do chumbo dão causa á amauroses, surdez, colicas, paralyisia do movimento, e sentimento (muitas vezes só do movimento), affectando ordinariamente os membros superiores; evacuações cada vez menos frequentes, delinhamento de todos os orgãos, cór amarella, velhice prematura, morte com dôres insupportaveis, etc.

As emanações do oxido de arsenico produzem uma especie de envenenamento prompto, com symptomas de dôr ardente, e constricção da garganta, soluço, synco-pes, resfriamento das extremidades, e morte (Londe).

As emanações do cobre puro reputão-se nullas: os effeitos, que lhes tem sido

imputados, suppoe-se devidos ao zinco, unido ao cobre; tanto mais quanto aquelle, que é puro, os não produz, ao passo que o zinco só dá lugar á elles. Taes são — sensação adocicada na garganta, colicas, vomitos, suffocações, etc.

Substancias inertes, e de uma acção puramente mechanica, volteião no ar, e podem pelo seu contacto continuado produzir desde as ophthalmias, a irritação dos bronchios, ou dos pulmões, até a phthisica.

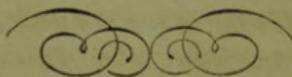
Ha porém substancias pulverulentas, que, além da acção de contacto, de que acabamos de fallar, são de alguma sorte absorvidas, produzem impressões sobre as extremidades nervosas, dão lugar ao narcotismo, á somnolencia, á soffrimentos cephalicos, cystites, evacuações alvinas, vertigens, vomitos; á effeitos, emfim, que podem produzir consequencias mais ou menos funestas. Taes são — o tabaco, as cantharidas, o aconito, etc.

Cumprindo-nos agora particularizar as perturbações, que a influencia atmospherica produz durante o dia, e a noite, como já havemos expellido o maior numero destas perturbações sobre o homem, quer no estado physiologico, quer pathologico, limitamo-nos em parte á lembrar apenas aquellas, de que já fallámos, e que podem ter referencia ao dia, ou á noite, e em parte referiremos algumas, que possam ser applicadas á estas circumstancias, e que nos tenham escapado.

A primeira differença, que deparamos, debaixo deste ponto de vista, é a presença, ou a ausencia da luz. É sabido, que, sob o influxo desta emanação, as partes verdes dos vegetaes decompoem o acido carbonico da atmosphaera, assimilão-se o carbono, e uma porção de oxigeneo, deixando livre outra porção deste gaz; que, durante a noite, pelo contrario, este phenomeno se não effectua, e elles se limitão, bem como os animaes, á absorção de parte do oxigeneo do ar, e ao desprendimento de acido carbonico. Já se vê, pelo que levamos dito, que, á não dar-se á enormidade da massa atmospherica, sempre agitada, e renovada, as perturbações, que já mencionamos, e produzidas pelo acido carbonico, e pela falta de oxigeneo sobre o homem, terião mais particularmente lugar durante a noite, e asphyxia-lo-hião. Daqui ainda as perturbações, que costumão ter lugar pelo facto de pernoitar-se em um recinto fechado, onde existão vasos com flores, e vegetaes. Demais; as diversas substancias, de que ordinariamente nos servimos á noite, na producção da luz artificial — o azeite, o sebo, a cera, os gazes, etc., já elevando a temperatura do ar em um recinto fechado, já absorvendo-lhe o principio respiravel, e já, emfim, impregnando-o de substancias deletereas, de principios carbonados, e productos volateis, são tambem causas, que perturbão, particularmente á noite, o estado physiologico do homem, variando em seus effeitos desde o embaraço da respiração, até a suffocação, a asphyxia, e a morte.

É ainda durante a noite, que, ás mais das vezes, perturbações se manifestão pelos vapores suspensos na atmosphaera, os quaes, pela auzencia do sol, pelo frio, condensão-se, augmenta-se-lhes o pezo especifico, descem, e põe-se em contacto com o homem, acarretando-lhe miasmas, emanações deletereas, etc., etc. É, emfim, du-

rante a noite, que, ou pelas causas, que acabamos de apontar, ou pela auzencia de impressões visuaes, de distrações, a maior parte das perturbações se manifestão, as molestias se aggravão, o cerebro agita-se, e exalta-se, tudo se afeia, se apavóra, e a morte as mais das vezes assalta suas victimas. Durante o dia, pelo contrario, exceptuando-se uma, ou outra perturbação, por exemplo, — a acção estimulante da luz sobre os operados, em quem a susceptibilidade nervosa tem tocado o seu apogéo, — a acção directa dos raios solares produzindo erysipelas, meningites, congessões, etc., etc.; durante o dia, dizemos, os males se atenuão, a esperança renasce, as forças se avigórão, e, ás mais das vezes, a vida acêna, e livra os infelizes do abysmo da morte.



SEGUNDO PONTO.

Quaes são as cavidades naturaes do corpo humano em que se póde praticar a paracentesis?

Quaes as ditas cavidades em que se possam fazer injeções medicamentosas á fim de conseguir-se a cura de derramamentos?

Tem-se mais especialmente entendido pela palavra — *paracentesis* — aquella operação, que consiste em evacuar, por meio da punção, a serosidade que se accumula na cavidade abdominal dos hydropicos, mais ou menos distendendo-a, e promovendo accidentes de maior, ou menor circumstancia.

Ampliando, porém, a esphera da sua significação, tem-se ainda entendido por esta palavra — todas as punções que se praticão em uma parte qualquer do corpo, tendo por alvo a evacuação de um liquido derramado.

Impondo-nos, porém, o nosso ponto sómente o dever de apontarmos — *quaes as cavidades naturaes do corpo humano em que é praticavel a operação da paracentesis*, — não obstante acceitarmos a extensa accepção desta palavra, sanccionada pelas maiores auctoridades chirurgicas, — fá-lo-hemos em primeiro lugar; indicaremos em segundo — *quaes as ditas cavidades em que se possam fazer injeções medicamentosas á fim de conseguir-se a cura de derramamentos*; e limitar-nos-hemos em terceiro á expender, da maneira que melhor se compadeça com a curteza de nossas ideias, e recursos, muito leves, e geraes considerações sobre a operação da *paracentesis* em referencia á cada uma das mencionadas cavidades.

PRIMEIRA RESPOSTA.

As cavidades naturaes do corpo humano, em que esta operação tem sido praticada, são: — *do abdomen, do craneo, do rachis, do globo ocular, da orelha me-*

dia, do seio maxillar, das pleuras, do pericardio, da bexiga, da tunica vaginal, das articulações, e das bolsas serosas.

SEGUNDA RESPOSTA.

Aquellas sobreditas cavidades, em que se possão fazer injeccões medicamentosas, áfim de conseguir-se a cura de derramamentos, são : — *do abdomen, da orelha media, do seio maxillar, das pleuras, da bexiga, da tunica vaginal, das articulações, e das bolsas serosas.*

BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A PARACENTESIS —

Do abdomen — Comquanto Blandin, tendo presente o caso que refere Rousset, ache provavel que a ideia da paracentesis abdominal fosse despertada por uma tentativa de morte, ou casual, dando sahida á serosidade de um ascitico, todavia nós, de accordo com a assisada opinião de Sedillot, e fazendo mais justiça ao espirito humano, sempre incansavel, e activo em suas arrojadas emprezas á fim de coaretar os soffrimentos do homem, julgamos de fé que se não tenha elle conservado assim estupidamente perplexo, té que a mão ignobil do assassino, ou o acaso o viesse acordar e mover, indicando-lhe o caminho que devêra seguir : — nem tão grande cousa é semelhante esvoaço para o condor que paira, e se equilibra nas regiões do infinito ! Seja como for, a paracentesis foi concebida e tentada. Ainda que Erasistrate a proscreeva como inutil, e nella não fallem Roland, e Roger de Parme, parecendo achar-se ella em completo abandono no seu tempo, todavia Hippocrates, e seus discipulos já a conhecião, e praticavão, — embora se elles servissem do ferro em braza, ou cortante, e cauterizassem repetidas vezes o pequeno tumor do hydromphalo.

De acordo com as ideias do P. de EGINE, propunha Avicenne, que se evitasse o paralellismo das partes que formão o canal da abertura, fendendo-se a pelle um pouco abaixo do lugar em que se penetra no peritoneo, afim de evitar-se a introdução do ar nesta membrana; queria ainda que se applicasse o cauterio actual com o fim de estancar-se o corrimento de sangue, depois da incisão. O ferro em braza porém, desde Galleno, foi esquecido; a abertura em dous tempos teve a mesma sorte; permaneceu a punção. Rhases foi o primeiro que praticou a paracentesis abdominal com uma grossa agulha, especie de trocate. J. Girault, de harmonia com Haller, servia-se de uma agulha encerrada no interior de uma canula, e sómente á Sanctorius se deve tributar a gloria de haver imaginado e descoberto o trocate, instrumento aperfeiçoado por Petit, e que tanto facilita, e atenúa a gravidade da operação da paracentesis. E pois o trocate foi adoptado desde o fim do seculo XVII.

Com quanto seja obvio, que a introdução de um trocate na cavidade abdominal possa ser tentada, em rigor, por todas aquellas partes, que só sejam garantidas por

tecidos molles, todavia este ponto tem dado motivo á divergencias, á opiniões altamente contradictorias. Ora a linha mediana em seus diferentes pontos, ora as partes lateraes, tem sido alternadamente indicadas para introduzir-se o trocate na cavidade abdominal. Os antigos, e os cirurgiões inglezes preferem a linha mediana, quer ábaixo, quer ácima do embigo, acreditando evitar deste modo as hemorragias; entretanto Sedillot lembra um caso de havê-las Cooper observado em grande escala, por uma incisão praticada neste ponto. Cælio Aureliano segue a opinião dos antigos, e dos inglezes, ao passo que A. Paré, e Mondini proscvem que se opere sobre a linha branca, allegando este ultimo que a abertura cicatriza-se com mais lentidão.

As partes lateraes são geralmente preferidas pelos autores. Qual porém destas partes mereça a escolha, e qual o ponto dellas que melhor convenha, tem ainda servido de objecto para discussões, e divergencias. Alguns autores considerando a possibilidade de lesar-se o figado convierão em que o lado esquerdo era preferivel ao direito; Blandin não acha razão nisto, lembrando que o figado, — salvo rarissimas excepções — ás mais das vezes pequeno e retrahido na ascites, acha-se profundamente collocado nesta molestia; achando pois indifferente este ou aquelle lado, declara comtudo, que em geral se prefere o lado esquerdo. Begin, e muitos outros limitão-se apenas á narrar a opinião de alguns praticos, que preferem o lado direito, allegando o mais pronunciado alongamento do epiploon, e a presença dos intestinos finos em maior escala no lado opposto. Sedillot não falla nisto; Malgaigne diz que as paredes lateraes correspondem á purções adherentes de intestinos; que os hypochondrios direito, e esquerdo são occupados este pelo baço, aquelle pelo figado; que o epigastro o é pelo estomago, a região super-pubianna pela bexiga, e em definitivo conclue, que é preferivel a zona umbilical em quasi todos os seus pontos. Boyer julga indifferente qualquer dos lados, — salvo se uma obstrucção do figado, ou do baço, ou um tumor qualquer determinarem a preferencia de um á outro.

Depois de haverem questionado, como vemos, qual dos lados da parede abdominal deva ser escolhido, os autores tem ainda divergido, como já dissemos, sobre o ponto em que se deva introduzir o trocate. Hyppocrates quer que se pratique a punção perto do embigo, ou para traz, em um ponto que bem não determina, na visinhança dos lombos. Sabatier escolhe o meio do espaço comprehendido — de cima para baixo, entre as falsas costellas, e a crista iliaca, e de diante para traz, entre a linha branca e a columna vertebral. Merat propõe o centro de um triangulo formado — por uma linha tirada da crista iliaca ao embigo, — por outra deste ao terço anterior do rebordo das falsas costellas, e por outra, enfim, que reuna as extremidade das duas precedentes. Blandin acha conveniente este ponto. Tem-se proposto ainda introduzir o trocate quatro dedos ábaixo, e ao lado do embigo. Begin refere, que um babil cirurgião aconselha, que se pratique a punção no meio de uma linha tirada da espinha iliaca anterior ácerca de dois terços de pollegar ábaixo do meio de uma outra, tirada do apendice xiphoidé á symphysis pubianna. Este autor censura sobre maneira estes preceitos, e diz que esta trama de linhas, que se

cruzão sobre a parede abdominal, bem longe de remover a dificuldade, pelo contrario augmentão-na, recordando que nos hydropicos todas as relações da parede abdominal achão-se mudadas, e que mais facil é tomar-se o meio de uma linha tirada do embigo á espinha iliaca antero-superior, evitando-se assim o bordo externo do musculo recto, e o ferimento da arteria epigastrica. Este ponto é geralmente escolhido em França; Monro, Boyer, Sedillot e a maioria dos praticos são conformes em adopta-lo.

Differentes circumstancias ainda tem feito variar a opinião dos praticos sobre o lugar em que se deva praticar a paracentesis abdominal, sobre o methodo que convenha adoptar na pratica de semelhante operação: taes são: o sexo, a natureza do derramamento, as complicações que o acompanhão. Assim tem-se proposto penetrar no homem, e pela bexiga, e pela parede anterior do recto, o fundo da depressão recto-vesical do peritoneo; na mulher a depressão recto-vaginal do peritoneo pela parede posterior da vagina. Ao passo que Blandin combate estes methodos, lembrando a gravidade da lesão da bexiga, a offensa possivel das vesiculas seminaes no homem, a fistula intestino-peritoneal, e o risco de accidentes semelhantes na mulher, Sedillot limita-se apenas á dizer, que se não comprehende como cirurgiões hajão, que tenham proposto semelhantes methodos.

Quando tracta-se de praticar a operação em um caso de derramamento sanguineo, aconselha Blandin, que se deva de preferencia perfurar sempre a região inguinal, considerando que o sangue, e pelo seu proprio pezo, e pela contracção das paredes abdominaes, naturalmente se derige para este ponto. Boyer não falla nisto; Malgaigne da mesma sorte; Sedillot limita-se apenas á mencionar os derramamentos sanguineos, circumscriptos, e estacionarios, aconselhando poderem elles ser abertos com vantagem por meio de um instrumento cortante, no caso que se elles não absorvão espontaneamente.

Como a ascites possa ser complicada de prenhez, recommenda Scarpa que, em taes circumstancias, se pratique a punção no hypochondrio esquerdo, perto do bordo cartilaginoso das costellas, trazendo, para conforto da sua opinião, dous casos em que assim procedeo o Dr. Cruch.

M. Olivier, notando o tumor umbilical, que habitualmente se encontra neste caso, indica que se o perfure simplesmente com uma lanceta, -- salvo o caso de hernia umbilical, com adherencias das partes herniadas. Begin acredita que, ainda em taes casos, é preferivel o lugar ordinario em que a operação se pratica, não crendo que por isso se exponha a madre á ser offendida. Velpeau assevera ser possivel pratica-la então em toda a extensão do flanco esquerdo. Malgaigne, em these geral, estabelece, que, em taes conjuncturas, se deva pratica-la no ponto em que o liquido faça maior saliencia, em que melhor se note a fluctuação, aconselhando, nos casos de duvida, servir-se de um bisturi, abrindo camada por camada a parede abdominal, até o peritoneo.

Se co-existem com a ascites uma hydrocele congenial, ou o sacco de uma hernia

antiga, quer Blandin que se pratique a paracentesis sobre a região testicular. Sedillot só falla da primeira complicação, e tem a mesma idéa. Malgaigne pensa da mesma maneira. Olivier, Beclard, Begin e muitos outros indicão o embigo, a verrilha, ou qualquer outro ponto, quando este fôr saliente, adelgaçado, e distendido pelo liquido derramado.

Adherencias de visceras com as paredes do abdomen, tumores anormaes, scirrosos, neste, ou naquelle ponto desta cavidade, fazem variar, finalmente, o methodo, e o lugar da operação, a qual deve sempre evita-los.

Ordinariamente, porém, a eleição do lugar, como já dissemos, é sobre as partes lateraes, e no ponto que mais ou menos corresponde ao meio da linha, que vai do embigo á espinha iliaca antero-superior. Ahi o cirurgião, apoiando o cabo do trocate na palma da sua mão direita, e distendendo com o pollegar, e index da esquerda a pelle no ponto em que vai penetrar, em um só tempo, e rapidamente introduz o trocate, até o ponto que marca sobre a canula com o indicador da mão direita. A falta de resistencia indica haver-se penetrado o seio do liquido derramado. Então segura-se a canula com a esquerda, extrahе-se com a direita a haste do trocate, e o liquido corre, á principio por si só, ao depois á mercê das compressões exercidas pelos ajudantes sobre a parede abdominal. Muita vez interrompe-se o corrimento do liquido, quando é elle flocozo, espesso; o epiploon, o intestino podem tambem ser causa disto; em todo o caso um estilete introduzido na canula removerá o obstaculo.

Completa que seja a evacuação, extrahе-se directamente a canula, mantendo com o pollegar, e o index da esquerda os labios da ferida, afim de não seguirem a canula. Pode-se applicar um pouco de diachylão na ferida; uma ligadura de corpo simplesmente comprimindo a cavidade abdominal, ou sobre uma flanela ensopada em vinho quente, segundo Begin, taes são geralmente os meios curativos que completão a operação. Os antigos tomavão em consideração os desfallecimentos, as lipothymias, e não evacuavão totalmente o liquido derramado. Os modernos, porém, pelo feito de operarem, collocando os doentes deitados, não temem este inconveniente, e evacuão-no todo. Hemorragias, inda que rarissimas, podem com tudo ter lugar: neste caso, ou deixa-se a canula na abertura, ou se a substitue, segundo Bellocq, por um cylindro de cera, ou um fragmento de bugia, que se opponha directamente á abertura do vaso lesado. Malgaigne aconselha ainda que se abarque em uma larga prega das paredes abdominaes todo o trajecto do trocate, comprimindo, e esfregando mesmo um pouco, até que o sangue se estanque. Fleury apresenta um processo, o qual consiste em introduzir-se na canula do trocate, depois de feita a punção como de ordinario, uma sonda de gomma elastica ordinaria, de meio calibre, tendo-se o cuidado previo de tirar o lacre que rodeia-lhe o pavilhão; extrahе-se a canula, e o liquido corre pela sonda.

Recorre-se á paracentesis, quando se julgão inefficazes todas as indicações acceitas para sustar os progressos da hydropesia, ou para favorecer á absorção do

liquido derramado: — como um ultimo recurso — ; por quanto, ainda que possa ser ella um meio radical, e curativo, — quando se tracta de collecções sanguineas, ou serosas — mas recentes, formadas bruscamente em individuos moços, fortes, em consequencia de peritonites accidentaes, depois da repercussão de exanthemas, — escarlatinas, sarampos — , sem lesão profunda dos orgãos digestivos, e circulatorios; — todavia, quando se ella dá em um derramamento antigo, effeito de uma alteração organica do figado, ou do baço, etc.; quando o doente é velho, fraco; quando o escroto, e membros inferiores achão-se infiltrados, — a operação da paracentesis apenas contribue ao allivio subito, e passageiro dos accidentes que mais affligem ao doente: — ella é palliativa.

A idéa da inefficacia desta operação na maioria dos casos em que se a pratica, suggerio no espirito de Brunner a lembrança de injeções de tintura de myrra, e aloes com espirito de vinho camphorado na cavidade peritoneal, com o fim de obstar á reproducção do liquido derramado. Warrick foi o primeiro que pôz em pratica esta idéa, em uma mulher de cincoenta annos, affectada de ascites, servindo se porém de uma mistura de vinho tinto, e agua de Bristol, na temperatura do sangue. Foi coroado de um resultado feliz.

Ainda que estas tentativas, e innumeradas outras, comprehendidas por Gobert, e Lhome com vapores vinosos, por Craninx, Rul-Ogez, e Van Roosbroeck com o gaz protoxido de azoto, por Jobert com uma mistura de alcool, e agua, por Vivielle com agua morna, e decoção de quina, — aliás não raro coroadas de um exito lisongeiro — , não têm significado no animo das maiores auctoridades da sciencia mais do que um ardil temerario, inspirado unicamente pela frivola vaidade de innovar, limitando-se estes á aconselhar apenas uma compressão sobre o ventre, um tratamento interno apropriado, e a renovação da paracentesis quando se fizer necessaria; ainda que, dizemos, seja esta a maneira porque pensão os auctores, que temos diante dos olhos, com tudo pela gazeta medica de Paris do anno passado vemos, que esta idéa tem sido elaborada, que estes factos têm merecido a consideração dos homens da sciencia, os quaes entendem, que a idéa que os dictou foi boa, que os meios therapeuticos porém de que se servirão não forão os melhor aconselhados pela razão, e novas, e recentes tentativas tem sido comprehendidas com a tintura alcoolica de iodo por Dieulafoy em 44, Griffon em 45, Leriche, e Rul-Ogez em 47, Volland em 48, Burggraeve, e Coste em 50, Boinet, e Deperriere, finalmente, em 51, — quasi em totalidade seguidas dos resultados os mais prosperos possivel! É verdade; treze casos de ascites, reconhecendo por causas entidades pathologicas extremamente diversas, e acercados, ás mais das vezes, de circumstancias, e complicações as mais desfavoraveis, tem sido tractados por estes praticos com as injeções iodadas, e sómente dois, em que se davão lesões profundas, e incompativeis com a vida — scirrhus e caucero do figado — desmentirão, se assim se pôde dizer, a efficacia destas injeções em semelhantes circumstancias. O quadro seguinte mostrará com mais evidencia o quanto acabamos de expender:

Causas supostas.	Sexo.	Idade.	Curas.	Insuccessos.
Febre intermittente.	Mulher.	47 annos.	1	
» » 	Homem.	50 »	1	
» » com engurgitamento do baço e do figado.	Rapaz.	13 »	1	
Supressão, ou desarranjo das regras. .	Mulher.	38 »	1	
Tumor abdominal	»	55 »	1	
Affecção das vias respiratorias	»	17 »	1	
Scirroze do figado	»	58 »		1
Degenerescencia do figado, e febres in- termittentes	Homem.	42 »		1
Diarrhéa chronica	»	» »	1	
Affecção abdominal não determinada.	Menino.	7 »	1	
Hydropesia chamada essencial	Criança.	18 mezes.	1	
Bebidas espirituosas			1	
Causa desconhecida.			1	

Convem notar-se, que todos estes doentes crão dotados de uma constituição má, enfraquecida; que tinhão soffrido pela maior parte muitas punecções; que a ascites, entre todos, datava de tempo sufficientemente longo; e que, finalmente, as injeccões iodadas forão repetidas duas, e tres vezes entre alguns dentre elles, sem que todavia o peritoneo apresentasse symptoma algum assustador.

A quantidade do liquido injectado variou de 4, 8 á 16 onças. A composição deste liquido foi quasi a mesma, isto é; 6 á 7 e 1/2 oitavas de tintura alcoolica de iodo para 5, á 6 e meia onças de agua distillada. A injeccão preferivel é esta: — agua 6 1/2 onças, tintura alcoolica de iodo 7 e 1/2 oitavas, iodureto de potassio 1 oitava. Não deve conter mais de um sexto, ou um setimo de iodo. (Vêde gaz. med. de Paris de 1851 — 22 de novembro — n.º 47 — pag. 793.)

Do craneo — Tem-se emprehendido, ainda que infructiferamente, a pratica desta operação no *hydrocephalo*. Sanson, Begin, Boyer proscrevem-na como temeraria, e mortal. Dugés parece não pensar assim: elle refere um factó em que Holbroock a praticára tres vezes com uma lanceta em um infante, sem que todavia sobreviessem accidentes — ao menos immediatos: ignora porém o resultado final.

Quer se evacúe totalmente, e de uma só vez o liquido seroso, quer se o faça por vezes, e ás porções, os resultados, em ultima analyse, são sempre funestos. No primeiro caso os pacientes sobrevivem á operação quatro ou cinco horas, no segundo tres ou quatro dias. Assim a ideia que tiverão os antigos, e modernos de extrahir lentamente o liquido por evacuações successivas em nada modificou a gravidade desta operação. Entretanto Sedillot, não obstante notar a frequencia da meningite nesta operação, e a reproducção do liquido derramado, diz que, ao passo que esta operação nenhum resultado legou á Dupuytren, e Breschet, Conquest publicou um quadro no qual faz ver que, em 19 operados, obtivera 10 curas, e 9 mortos.

Servindo-se o operador de um trocate, ou bisturi, escolhe ordinariamente para introduzi-lo a fontanella anterior. Diz Sedillot que deve temer-se a irritação do cerebro, quando, segundo alguns praticos, se deixa a canula de estada na abertura; que é esta provavelmente a razão porque a canula não tem produzido os prosperos effeitos que promettia.

Do rachis — Proscripta pela maioria dos praticos, que temos podido consultar, nos casos de *hydropisia rachidianna*, tem-se todavia apprehendido a paracentesis do rachis nesta affecção — apontando-se um ou outro successo favoravel. Boyer refere, que Hoffman a praticára com successo em um infante, perfurando estreitamente com uma lanceta a parte a mais declive do tumor, e introduzindo uma mexa de fios que dava sahida á vontade ao liquido derramado; que Cooper observára a absorção do liquido em um sujeito de 25 annos, affectado de hydro-rachis, em consequencia de inflammação, e gangrena superficial do tumor. Com quanto observe este autor, que estes dous casos demonstrão que nem sempre o *hydro-rachis*, ou a sua abertura são mortaes, declara comtudo, que são factos estes extraordinarios, que nada auctorisão a pratica de uma operação quasi sempre funesta.

Quando o operador se limita á praticar repetidas vezes uma pequena abertura, ou á atravessar o tumor com um fio, diz Dugés que, na opinião de Hoffman, Cooper, Earle, e outros, tem-se obtido alguns resultados felizes.

Sedillot concidera geralmente palliativas, e muitas vezes mortaes as punções repetidas do *hydro-rachis*. O processo de Dubourg consiste em fazer-se uma incisão elliptica na base do tumor, tendo-se o cuidado de obstar o contacto do ar com a medulla, collocando-se o dedo sobre a abertura que communica o sacco com o canal vertebral. Unidos e mantidos os labios da ferida pela sutura entortilhada, remata-se o curativo com uma atadura de corpo. — Dubourg em 3 casos conta dous resultados favoraveis.

Do globo ocular — Quando, em consequencia da abertura de abcessos, formados na superficie do iris, entre as laminas as mais profundas da cornea, ou como resultado mesmo de uma exhalção directa da membrana do humor aquoso, dá-se o derramamento de pus nas cavidades desta membrana, ao qual os auctores denominão — *hypopion*; quando, em consequencia de ophthalmias intensas, de contusões fortes, collecções purulentas se formão na profundeza do olho, occupando a cavidade inteira deste orgão, e constituindo o *empyema do olho*; quando, finalmente, em consequencia das mesmas causas, que acabamos de apontar para o empyema, da repercussão de exantheas, — destruindo-se o equilibrio harmonico entre os dous phenomenos — exhalção, e absorção —, que constituem a funcção recrementicial das serosas, dá-se nas camaras do olho um cumulo de humor aquoso, as mais das vezes acompanhado de uma especie de diluição do humor vitreo, constituindoa *hydrophthalmia*, — tem-se praticado a *paracentesis do olho*.

É ignorado na sciencia quem fôra o primeiro que imaginára esta operação. Pluie tractou della de uma maneira ambigua.

Uma observação de Wesen, intitulada — *Hydrophthalmia curada pela paracentesis* —, e que se não occupa em descrever a operação, fez-se apenas conhecer por Valentin. Ainda que praticada pelos antigos, Nuck foi quem deo-lhe regularidade e methodo. Collocando o doente na posição indicada para a operação da catarata, elle introduzia um pequeno trocate no centro da cornea transparente. Servindo-se tambem de um instrumento analogo, denominado *paracetherium*, Woolhouse o introduzia pela sclerotica na camara posterior. Heister era conforme neste ponto, mas servia-se da lanceta. — O *Keratotomo* é geralmente preferido hoje pelos auctores.

A paracentesis do olho tem sido proscripta pelos modernos, no sentir de Sedillot, nos casos de *hypopion*, e de *empyema* como inutil, e as mais das vezes prejudicial. Boyer, fallando do *hypopion*, diz, que, quando fór elle agudo, deverá completamente proscrever-se a paracentesis. Nos casos, porém, em que elle affecte um estado estacionario, em que não subsista inflamação, e o pus opponha um obstaculo ao exercicio das funcções do olho, — na fé de cirurgiões habilissimos que a recommendão —, diz elle, que a paracentesis poderá ser tentada, — quando porém se estiver convicto da inefficacia de todos os meios therapeuticos, aconselhados em taes circumstancias. À respeito do *empyema*, diz ainda este auctor, que, quando todos os meios therapeuticos não tem podido obstar á formação do pus, á distensão das membranas do olho, devendo evacuar-se promptamente o liquido derramado, os cirurgiões não accordão sobre a maneira porque se deva praticar esta operação. A *puncção* do globo do olho, a *extirpação* do orgão, o *retalho circular* da cornea transparente, — taes são os preceitos que tem sido apresentados por elles. Procrevendo Boyer a *extirpação* por muito dolorosa, por deformar sobremaneira o individuo, e tornar immovel o olho artificial, que se applica, diz elle, que a *puncção*, ainda que mais prompta, mais facil, e menos dolorosa, tem todavia o inconveniente de reunirem-se os bordos da ferida primeiro que o corrimto total do liquido se tenha effectuado, dando lugar á nova tumescencia, ou á um volume do olho que tornára difficil, senão impossivel, o engastamento do olho de esmalte. Em consequencia, preferindo a *excisão* da cornea transparente, — nos casos em que esta membrana se ache opaca, adelgaçada, e prestes á ulcerar-se, diz elle ainda, que, nos casos em que ella conservar sua transparencia, e organisação naturaes, será melhor fazer-se uma simples incisão na sua parte inferior, na esperança, talvez bem equivoca, de que os humores recuperem sua translucidez, ou de que o olho, sem perder o seu aspecto natural, se conserve, inda que inutil, sempre preferivel á um olho artificial. Sanson, e Begin aconselhão, que em taes casos, sómente se deva praticar a *paracentesis* do olho, quando se manifestarem accidentes provocados pela distensão das membranas deste orgão. Nos casos de *hypopion*, diz Sanson, que a operação consiste em fazer-se com um *keratotomo* uma incisão na cornea transparente, semelhante á que se pratica na operação da catarata por extracção; nos casos do *empyema*, em praticar-se na sclerotica uma incisão transversal, extensa, com um bisturi.

Tratemos da *paracentesis* do olho nos casos de *hydrophthalmia*.

A *hydrophthalmia* póde ter a sua séde, segundo os auctores, ou na cavidade do humor aquoso, ou do humor vitreo exclusivamente, ou simultaneamente em ambas estas cavidades, — o que é mais verificado e commum. Quando se ella observa na cavidade do humor aquoso, quer Sanson, que a punção se faça sobre a cornea transparente com o keratotomo, e com o trocate sobre a sclerotica, quando a séde da molestia fôr a cavidade do corpo vitreo.

Begin diz, que o cirurgião poder-se-ha servir de uma lanceta, ou de um keratotomo, introduzindo a extremidade de qualquer destes instrumentos na parte inferior da cornea, e praticando uma incisão de duas ou tres linhas; que se o humor vitreo é mais especialmente affectado, a incisão poder-se-ha então praticar ao travez da sclerotica, á tres ou quatro linhas para traz do bordo da cornea, formando uma abertura dirigida de traz para diante; que esta operação porém é muito mais incerta que a primeira em seus resultados.

Tem-se obtido a cura de *hydrophthalmias*, repetindo-se muitas vezes a punção pela cornea á proporção que o humor aquoso se reproduz. Finalmente, pratica-se a excisão da cornea com o keratotomo, quando esta membrana, desorganizada, proemina entre as palpebras, quando a *buphtalmia* é muito pronunciada, e as dores muito intensas. Então o olho é destruido. Adopta-se ordinariamente para isto o conselho de Scarpa, que consiste em desunir-se a meia circumferencia inferior da cornea transparente, como se pratica no primeiro tempo da operação da catarata por extracção, em segurar o fragmento com pinsas, voltar o gume do instrumento para cima e acabar de desunir circularmente quasi a totalidade da cornea.

Da orelha media — Tem-se praticado a *paracentesis* desta cavidade já para dar sabida á substancias serosas, mucosas, purulentas, já para dar ingresso ao ar. Cooper serve-se de um pequeno trocate curvo, e penetra a parte anterior, e inferior do tympano.

Buchanan diverge delle na fórma do seu trocate, que é quadrilatero, e ao qual depois de introduzido imprime movimentos de rotação, áfim de ampliar a abertura. Com o titulo de *emporte-pièce* —, fallão os auctores n'um instrumento aperfeiçoado por Deleau, e imaginado por Himly, o qual consiste em dois semi-circulos de aço, cortantes, e movidos por uma molla. Destacando uma porção da membrana do tympano, este engenhoso instrumento é, segundo os auctores, unicamente aquelle, que obsta a obstrucção prompta da abertura. Itard servia-se de um estilete, conservando a abertura á mercê de uma sonda; e Richerand queria que se a cauterisasse com nitrato de prata.

Substancias emollientes, detersivas, evacuanes são aquellas, que geralmente se injectão na caixa do tympano.

DO SEIO MAXILLAR — Forrado por um prolongamento da membrana pituitaria, o antro de Hignore é muitas vezes a séde de derramamentos sero-mucosos e purulentos, que reclamão a operação da *paracentesis*. Diversos pontos das paredes desta ca-

vidade tem sido indicados para a pratica desta operação : — o ponto fronteiro ao terceiro dente mollar, a superficie interna correspondente á narina, os alveolos do segundo, terceiro, e quarto mollares, a fossa canina, e finalmente qualquer das paredes ou pontos desta cavidade, que offerecerem uma abertura accidental, uma fistula, consistindo então a operação em ampliar-se a abertura, e introduzir-se um sedenho.

Os alveolos, ou a fossa canina são geralmente os pontos preferidos pelos auctores. No primeiro caso, ao depois de haver-se extrahido, ou, confôrme quer Boyer, o segundo pequeno mollar sómente, ou, confôrme Sedillot, o segundo, e terceiro mollares, desune-se a gengiva dos rebordos alveolares, penetra-se largamente por meio de alguns movimentos de rotação o seio maxillar com um trepano perfurativo, ao ponto de poder introduzir-se o dedo, e investigar o estado interno da cavidade. Dispensa-se desta maneira, na opinião de Sedillot, a necessidade da esponja preparada, da tenta, da canula, etc., áfim de obstar á prematura obliteração da abertura. No segundo caso, divide-se a mucosa alveolo-labial, separa-se o labio superior da fossa canina, denuda-se, e perfura-se o osso com um trepano perfurativo, com uma trephina, ou mesmo com um bisturi, caso o osso ache se adelgado e tenue. Os stypticos, o cauterio, o tamponamento são geralmente os meios oppostos ás raras e geralmente insignificantes hemorragias que sobrevem á esta operação.

Injecções medicamentosas praticão-se nesta cavidade áfim de limpa-la, e de obstar a reproducção da molestia.

DAS PLEURAS — Diversas collecções de liquidos não raro se observão na cavidade das pleuras, indicando a paracentesis do thorax, ou a operação do empyema. *Pyothorax*, *hydrothorax*, *hemothorax* — taes são as denominações com que se ha assinalado estas molestias, segundo a natureza do derramamento que as constitue.

Quando se julgão inefficazes, e vão todos os meios á disposição do medico áfim de operar-se a re-absorção do pus, no caso de pyothorax; que complicações concomitantes, — tuberculos, — o marasmo, — o delinhamento do enfermo não a contraindiquem; que a morte fôr eminente, — ainda que muita vez mollograda, e funesta, a operação do *empyema* é aconselhada pelos cirurgiões de maior criterio, orientados pela marcha da natureza, que muita vez dá espontanea sahida ao pus, ao travez das paredes thoraxicas. Na parte superior do peito, entre a quarta e sexta costellas, tal é ordinariamente o ponto por onde este phenomeno tem lugar. A operação praticada então sobre elle constitue a *thoracentesis de necessidade*. A *thoracentesis* no lugar de eleição é aquella, que ordinariamente se pratica entre a terceira e quarta costellas do lado esquerdo, e entre a quarta, e quinta do direito, contando-se debaixo para cima, no ponto de reunião do terço posterior da semi-circumferencia do peito com os dous terços anteriores. Não obstante conhecer a vantagem destes pontos, já pela necessidade em que se achão os operados de conservar proeminentes a cabeça, e as espadoas, já pelo decubito dorsal, todavia Sedillot observa que sufficientes razões não tornão estes pontos indispensaveis, e cita Scharp, Benj. Bell, e Cruveilhier que praticavão a operação do empyema, aquelles entre a sexta, e septima costellas,

este não duvidando pratica-la entre a quarta e quinta costellas verdadeiras, muito proximamente ao sternum.

A *incisão*, a *puncção*, e a *terebração* de uma costella constituem os methodos operatorios que se tem imaginado para a pratica da *thoracentesis*. Sentando-se o operando, e inclinando ligeiramente o corpo para o lado opposto ao derramamento, pratica-se uma incisão com um bisturi recto, e agudo, parallelamente ao espaço intercostal, e da extensão de duas pollegadas pouco mais, ou menos. Sedillot não acha proficuo o conselho, lembrado por Benj. Bell, de suspender-se a pelle, áfim de evitar o parallellismo das partes interessadas. Abertas successivamente as camadas da parede thoraxica, evitando-se o bordo da costella superior por onde trajecta a arteria intercostal, incisa-se a pleura com o bisturi, sem penetra-lo muito profundamente.

Áfim de evitar a introdução do ar na cavidade do peito, aconselha Dupuytren, que se pratique com um trocate puncções successivas, no intervallo de 5 á 6 ou 8 dias. Tem-se praticado a puncção de uma só vez, unindo-se immediatamente a ferida, ou deixando-se permanecer uma canula no interior della.

Sedillot pronuncia-se contra todos os processos nos quaes se praticão uma, ou muitas puncções repetidas, reunindo-se immediatamente os bordos da ferida: reputa-os não só infructiferos, mas até inuteis nos casos mesmos de algumas curas. Elle pratica uma incisão no lugar de eleição, ou de necessidade de duas pollegadas de extensão pouco mais ou menos, dando sabida á parte do liquido, e retendo parte por meio da applicação de um pouco de fios no centro de um panno de linho fino. Compressas, pranchetas, e uma banda de corpo completão o seu curativo.

Entende este auctor que a evacuação poderá ser completa, quando o derramamento fór circumscripto, o foco pequeno, e por consequente facilmente susceptiveis de unirem-se as suas paredes. No caso contrario, quer que o liquido se evacúe por partes, e ás porções, de doze em doze horas. Lembra a ventosa de bomba de Stanski, ou qualquer outra seringa aspirante, áfim de extrahir-se o ar, quando penetre no peito, e quer que se injecte cosimento de cevada adoçado, até que se faça de novo o curativo. Begin proscreeve as injecções, ou méchas na ferida, como proprias á provocar a intensidade da inflammação, á manter abertos largamente os labios da ferida, favorecendo a penetração do ar no peito.

Este auctor acredita que nos casos de *hydrothorax* a evacuação do liquido derramado, em muitos tempos, é sem duvida o meio mais esperançoso sobre a prosperidade do exito da operação. Corrobora sua opinião, lembrando o nome de Raymond Faure, entre outros, que obtivera em Montpellier muitas curas no Hospital Saint-Eloi.

Sedillot considera as puncções puramente palliativas, offerecendo unicamente a vantagem de remover os accidentes promovidos pela presença do liquido, e dar tempo á que os meios therapeuticos, empregados, desenvolvão sua acção, e sanem a causa do hydro-thorax.

A *terebração* de uma costella, lembrada por Hippocrates, e executada pelo pratico Reybard, faz-se com um trepano, ou um perfurador, incisando-se a pleura em

um segundo tempo. Reybard deixa na abertura uma canula metálica, ou simplesmente um canudo de penna, em cuja extremidade externa fixa um tubo molle, flexível, feito de intestino de gato, sempre molhado, o qual se abre para dar saída ao pus, e oppõe-se ao ingresso do ar. Malgaigne, nos casos de empyema, prefere praticar a punção ordinaria com um trocate, servindo-se ao depois do tubo de Reybard.

Quando se tracta de evacuar o sangue derramado, logo depois de um ferimento, n'um caso de *hemothorax*, — caso se não possa incisar a ferida que deo motivo á esta complicação, aconselha Sedillot, que se deva abrir o peito no ponto o mais declive, dando-se cautelosamente saída ao sangue em porções taes, que o seu corrimto não disperse a hemorragia, e a sua retenção não occasiona a morte ao enfermo. Ordinariamente, diz elle, a operação se pratica em casos que datão de dez á quinze dias, não cedendo aos meios resolutivos. Então, continúa, convem abrir-se largamente o espaço intercostal correspondente, á fim de dar saída ao sangue então viciado, de mistura com pus, fazendo-se injeções evacuativas, que dissolvão os coagulos espessos, e adherentes, que se formão nestes derramamentos circunscriptos. E pois injeções se praticão nas cavidades das pleuras, variaveis segundo as circumstancias : — emollientes, antisepticas, adstringentes, deterativas, evacuanes, causticas, etc.

Do pericardio — Nas circumstancias gravissimas de um *hydro-pericardio* que tem resistido á todos os recursos therapeuticos, quando não luz a mais equivocada centelha de esperança, e que a morte eminente, e certa busca abafar uns restos de vida, convulsos, e oscillantes n'um conflicto de anciedades, e de angustias, o ardente e humano desejo de salvar ao seu semelhante ergueo-se e bradou no coração do homem da Arte, e ao seu espirito, como que humilhado, e offendido pela ideia de nenhum recurso, suggerio o arrojado intento de levar o ferro cortante ao interior do pericardio, de praticar a *paracentesis* desta membrana! De feito; embora a experiencia, e os factos altamente proclamem a temeridade funesta de semelhante empreza, a paracentesis do pericardio tem sido praticada, e differentes processos ensinão-se nos diversos auctores que possuimos. — Ei-los ahí — *Processo de Senac*. Introducção de um trocate á duas pollegadas do sternum, entre a terceira e quarta costellas asternaes do lado esquerdo, dando-se-lhe uma direcção obliqua para a origem do appendice xiphoides, ao longo das costellas e o mais proximo possivel dellas. — *De Desault*. Incisão successiva das partes entre a sexta, e septima costellas sternaes esquerdas, introducção do dedo na ferida, reconhecimento, e punção da bolsa serosa com um bisturi rombo guiado pelo dedo indicador. — *De Skielderup*. Trepanação do sternum na sua parte inferior, e esquerda, incisão do pericardio ao travez desta abertura. — *De Richerand*. Larga abertura do peito, e pericardio, fronteira ao coração, de modo á dar livre entrada ao ar, que deve operar a cura, inflammando, e adherindo as paredes da membrana. — *De Begin*. Incisar como Desault as paredes do thorax, depois de haver suspendido os tegumentos para cima, abrir o pericardio simplesmente com um trocate, e unir exactamente a ferida exte-

rior logo depois da evacuação completa do liquido. — De *Larrey*. Introd ucção de um bisturi de baixo para cima no intervallo que separa o bordo esquerdo do apendice xiphoide da cartilagem da ultima verdadeira costella. O processo de Senac é geralmente regeitado, e temido pelos auctores como pouco seguro. Boyer, e Sedillot reprovão o de Desault por dar ingresso ao ar, o liquido derramar-se na cavidade do peito, e preferem o de Skielderup. Sanson e Begin pensão o contrario, allegando ser este mais laborioso, e difficil, produzindo uma ferida difficil de unir-se immediatamente, de cicatrisação lenta, e que dá uma passagem livre e permanente na cavidade do pericardio ao ar. Malgaigne prefere o de Larrey ; Begin o lembra, como o melhor, quando o operando for magro. O de Richerand é regeitado por anti-physiologico. Este auctor teve a ideia de injeccões irritantes no pericardio: não consta porém que se tenha ousado emprehende-lo.

Da bexiga — Quatro são as differentes maneiras pelas quaes se pode praticar a paracentesis da bexiga: pela *uretra*, *hypogastrio*, *perineo*, e *recto*. Se bem que não imitada pelos praticos, esta operação pela *uretra* foi tentada com successo por Lafaye, em consequencia de um tumor do collo da bexiga, que oppunha-se ao livre corrimto das urinas. Este pratico fê-lo á mercê de uma algalia um pouco curva, especie de sonda de dardo, contendo um estilete de prata, terminado em ponta triangular. Introduce-se o dedo indicador esquerdo no anus para dar-se cautelosamente ao instrumento a direcção da uretra.

Deitando-se o doente com a cabeça e o peito um tanto elevados no bordo direito do seu leito, dobrando as pernas, e as côxas, a paracentesis pelo *hypogastrio* se pratica geralmente com um trocate, imaginado por F. Cosme, de quatro pollegadas de extensão, affectando uma curvatura igual á de um segmento de circulo de sete á oito pollegadas de diametro, e offerecendo em toda a extensão de sua haste uma goiteira profunda, cuja extremidade anterior corresponde á uma abertura que traspassa a canula. Á uma pollegada á cima da symphysis pubianna, e no meio da linha branca, tal é o ponto em que o cirurgião penetra com o instrumento, collocando sua concavidade para baixo, e dando-lhe uma direcção parallelá á bexiga. Algumas gotas de urina, extravazando-se pela goiteira do trocate, annuncião ao pratico a penetração da bexiga, e elle extrahe a haste do instrumento, dando á urina livre curso pela canula, a qual se conserva introduzida, por meio de um atilho que circunde o corpo, até que se estabeleça o curso normal das urinas. Como este resultado possa muitas vezes ser moroso, e retardado ao ponto de substituir-se á canula metalica uma sonda de goma elastica, aconselha Cloquet praticar-se a operação com um trocate, cuja canula seja encerrada em uma bainha de goma elastica, a qual desde logo, e mais facilmente poderá substituir a canula metalica. Franck e Abernety aconselhão, nos casos em que o individuo fór gordo, descobrir-se, por assim dizer, a bexiga, praticando na parede hypogastrica uma incisão previa. Malgaigne se ha sempre servido do trocate ordinario para esta operação.

Pratica-se a paracentesis pelo *perineo* com um trocate recto de 7 á 8 pollegadas

de comprimento. O meio de uma recta tirada do ischion ao raphe duas ou tres linhas acima do anus, tal é o ponto em que se aconselha introduzi-lo. Dá-se-lhe á principio uma direcção parallela ao eixo do corpo, ao depois para fóra, áfim de evitar-se a prostata. A sahida de algumas gotas de urina indica a penetração da bexiga. Extrahe-se então a haste do trocate, e mantem-se a canula por uma atadura de — T.

A paracentesis pelo *recto* se pratica com um trocate, que offerece a fórma de um segmento de circulo de 8 pollegadas de diametro, pouco mais, pouco menos. Introduce-se no recto o dedo indicador da mão esquerda, untado em oleo, com a face dorsal voltada para a parede posterior do intestino, até que sintase a saliencia que fórma a bexiga. Faz-se escorregar o trocate, com a ponta occulta na canula, e a concavidade voltada para cima, ao longo da face palmar do dedo. Mal se sente que a extremidade da canula ultrapassou o dedo, e tocou na parede anterior do recto, impelle-se a haste do instrumento, traspassa-se a parede recto-vesical, e penetra-se a bexiga. Sustenta-se a canula á favor de uma atadura de — T — dupla.

Injecções medicamentosas tem sido praticadas no interior da bexiga, — e nos casos de catarro deste orgão, e mesmo naquelles em que coagulos de sangue, em que a urina mais ou menos concreta necessitem ser dissolvidos por uma substancia evacuativa, áfim de facilitar-se o seu corrimento.

DA TUNICA VAGINAL — Esta operação muitissimo commum nos casos de *hydrocele* da tunica vaginal, é tão bem aconselhada por Velpeau nos casos de *hematocle* da mesma tunica. Practica-se da maneira seguinte: — collocondo-se á direita do operando, o cirurgião abarca com a sua mão esquerda o escroto, empunha com a direita o trocate, e fa-lo penetrar, — ao depois de haver determinado a posição do testiculo —, em um só tempo na parte anterior e inferior do tumor até o ponto que marca o indicador estendido sobre a canula. Extrahe-se a haste, e o liquido corre pela canula, sustentada cautelosamente pela mão esquerda.

Soluções causticas, alcalinas, — de potassa —, a tintura de iodo, & c., tâes são em geral as substancias medicamentosas que, por meio de uma siringa, cujo siphão adapta-se á canula do trocate, se costuma injectar nesta cavidade em taes circumstancias, e que a decrepitude, o definhamento do enfermo, e o desmesurado volume do tumor poderão por ventura contra-indicar.

DAS ARTICULAÇÕES — Cahida em justo esquecimento no sentir de Blandin, tem-se todavia praticado a *paracentesis* das articulações, ainda que com muita reserva, e discrição, nos casos de *hydarthrose*, e Boyer transcreve algumas observações em que successos felizes tiverão sempre de corôa-la. Esta operação pratica-se ordinariamente com um trocate, ou um bisturi em um dos lados da articulação, e no seu ponto o mais saliente e declive. Se é verdade que o trocate, pelo feito de abrir estreitamente a cavidade synovial, obstando desta arte o contacto do ar, fóra preferivel ao bisturi, se por ventura se fitasse unicamente a extravasação do liquido derramado, releva todavia lembrar a conveniencia de conservar-se livre e permanente a sahida do liquido por meio de uma abertura maior, evitando-se assim accumulações

ulteriores, o que reclama a necessidade do bisturi. Comprime-se o lado opposto da articulação de modo á fazer o liquido proeminar do lado em que se pretende operar, e faz-se com um bisturi uma incisão pequena que interesse as partes extra-articulares, e a membrana synovial. Muitos aconselhão, áfim de evitar-se a introducção, e contacto do ar, abrir-se a pelle distendendo-a para cima, de maneira á não dar-se o parallelismo entre a sua abertura, e a da membrana synovial. Um emplastro de dyachylão sobre a ferida, pannos embebidos em liquidos resolutivos, &c., taes são, em geral, os meios curativos que terminão a operação.

Injecções emollientes, e detersivas com agua de cevada, e mel rosado, com agua de Coulard, e um duodecimo de agua ardente camphorada, com a tintura de iodo, &c., são preconizadas no tratamento, e curativo da hydropisia articular.

DAS BOLSAS SEROSAS — Collocadas debaixo da pelle, em todas aquellas partes em que ella necessita prestar-se á frequentes movimentos, debaixo dos musculos, e em torno dos tendões, estas bolsas serosas são muita vez o alvo de inflammações, e de contusões mais ou menos violentas, dando em resultado colleções serosas, purulentas, e sanguineas, que reclamão a operação da *paracentesis*. Esta operação pratica-se ordinariamente com um trocate ou um bisturi. Evacua-se o liquido, e comprime-se moderadamente as paredes da bolsa unidas uma á outra.

Com o fito de obter a cura radical da molestia, M. Asselin foi o primeiro que, nos casos de *hygroma*, pôz em pratica injecções irritantes de vinho alcoolisado na cavidade das bolsas serosas; Vassiliere servio-se do vinho adoçado; Velpeau de soluções iodadas. — O nosso sabio, e respeitavel mestre, muito digno presidente desta these, o Illm.^o Sr. Dr. Pereira de Carvalho teve de praticar á 17 do p. p. mez de agosto, no Hospital da Misericordia, uma incisão de meia pollegada de extensão na face palmar do dedo indicador direito, ao nivel da extremidade superior da phalange metacarpiana, indicada por um tumor synovial hydatiforme da bainha dos tendões flexores deste dedo; tumor que se estendia da parte superior do segundo metacarpiano até a articulação da segunda com a terceira phalange. « Ao depois (diz elle) de fazer « sahir pela abertura um grande numero de corpos esbranquiçados, de fórma triangu-
« lar, semelhantes á grãos de romã ainda verde, injectei tintura de iodo diluida em
« agua distillada, e reuní a ferida com emplastro adhesivo. Dias depois, (continua)
« pratiquei a punção com um trocate fino em um tumor situado na porção interna,
« e inferior da face palmar do ante-braço, e que passava por baixo do ligamento
« annular do carpo, proeminando no concavo da palma da mão. Sabindo pequena
« quantidade de um liquido esbranquiçado, e alguns corpos semelhantes aos extrabi-
« dos no dia 17, injectei algumas gotas de tintura de iodo por não ter-se esvasiado o
« tumor, o qual desapareceu desde então. O doente teve alta no dia 7 de setembro
« perfeitamente são. » — A *excisão*, a *extirpação*, e o *esmagamento* das bolsas serosas são outros tantos processos, que não deixão de ter valor, segundo as complicações, e circumstancias particulares que os reclamão. — Não trataremos delles por parecer-nos ultrapassar os limites do nosso ponto.

TERCEIRO PONTO.

**Qual é a causa da febre amarella?
em que consiste esta molestia?**

Quaes os meios de evitar o seu apparecimento?

I.

A febre amarella reconhece por causa inquestionavel hoje, no sentir de todos os escriptores, um — *miasma*.

II.

A decomposição de substancias organicas, vegetaes, e animaes, a humidade, e o calor, taes são os agentes que determinão o desenvolvimento desse principio de-letereo.

III.

Faz-se pois indispensavel um fóco de infecção, um como que laboratorio onde reacções chymicas preparem, e desenvolvão esse inimigo da vida.

IV.

Uma vez desenvolvendo-se, e infectando a atmospherã, e os individuos de um paiz, estes, e differentes condições de insalubridade desse paiz podem constituir-se outros tantos focos de infecção, que entretenham, e propaguem o miasma.

V.

De manhã e á noite, taes são as horas em que de preferencia elle assalta geralmente suas victimas.

VI.

Circumstancias accidentaes, ou inherentes á natureza do individuo favorecem a invasão delle.

VII.

Sua acção primitiva parece-nos ser sobre o sangue : altera-o mais ou menos profunda, e rapidamente em sua condição physiologica, segundo circumstancias variaveis, e d'ahi porventura a irregularidade da marcha, e phases que percorre, e, pela maior parte, a indifinida variedade de formas de que a molestia se reveste.

VIII.

Esta alteração do sangue nos poderá satisfatoriamente explicar as hemorragias pelas mucosas, e picadas das sanguesugas.

IX.

A diarrhea, e vomito negro, ainda que alvos de litigiosas conjecturas, parecemos devidos á exsudação do sangue pela mucosa gastro-intestinal, de mistura á succos alterados do estomago.

X.

Nos não repugna admittir, com quanto se dê a suffusão da bilis, que o sangue influa grandemente na colorisação icterica da pelle.

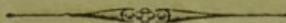
XI.

Os meios de preveni-la — a febre amarella — parecem deduzir-se do que havemos dito : elles devem tender, por um lado, á remoção, e aniquilamento das circumstancias que favorecem á formação, entretenimento, e propagação do miasma, e á regimens hygienicos, que baldem desregramentos, e que garantão as naturezas predispostas á contrahir a molestia, por outro.

XII.

Publicas, ou individuaes, taes são pois os generos á que se reduzem estas medidas.

HIPPOCRATIS APHORISMI.



I.

Lassitudines espontaneæ morbos denunciant. — Sect. II, aph. 5.

II.

Ex quâ parte corporis inest calor aut frigus, ibi morbus. — Sect. IV, aph. 38.

III.

Ubi fames, laborandum non est. — Sect. II, aph. 16.

IV.

Ex morbo diuturno alvi fluor, malum. — Sect. VIII, aph. 5.

V.

A sudore horror, non bonum. — Sect. VII, aph. 4.

VI.

Aures frigidæ, pellucidæ, contractæ, lethales sunt. — Sect. VIII, aph. 44.



Esta These está conforme os estatutos. Rio 9 de dezembro de 1852.

Dr. Manoel Feliciano Pereira de Carvalho.